

Oferta
-0. NOV. 1998

AVULSO

1.20 ESC.

ANO III-N.º 115

29
JULHO
1943



Nos Parques Infantis, na «Colmeia», as vidas despontam sob uma luz de ternura e de poesia: Fernanda de Castro ama as crianças com o seu coração de mãe e de poetisa...

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanaário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós



**CORONEL
SENA
VASCONCELOS**

Adido militar junto à embaixada do Brasil em Lisboa, onde chegou recentemente, é uma das mais prestigiosas figuras do exército brasileiro e um devoto amigo da nossa terra.



**JUDITH PAULO
FREIRE**

Extremosa filha do jornalista Paulo Freire, terminou o curso superior de canto-concerto no Conservatório Nacional, com a alta classificação de 17 valores.



**COMANDANTE
MOREIRA
CAMPOS**

A sua já vasta colecção de trabalhos sobre técnica de guerra, veio agora juntar «Caminhos de Invasão» (a luta em volta do Mediterrâneo) e que constitui um depoimento e um estudo de flagrante actualidade.

QUE se passa? As vozes sobem, fazem córo de queixas. Diz-se que há irregularidades, más vontades, interesses materiais em jogo, no que respeita aos transportes para a Praia das Maças. Aqui a dois passos de Lisboa, a bucólica praia fronteira a Sintra está votada a um destino cruel e de esquecimento, porque os transportes, além de maus, escaldam as bôlsas de pobres e remediados. Há mãos e olhos que chegam a toda a parte — e os do sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações são uns dêles. Não seria oportuno que se investigasse e fizesse justiça aos que prevaricaram — fossem eles os que abusam das necessidades do público, ou os que clamam contra empresas sem razão de clamar?



QUEM trabalha em jornais é, por princípio, avesso ao «peço desculpa, que me enganei». Mas não quando, como agora, é de justiça dar o seu a seu dono...

Santiago Kastner é um musicólogo de incontestável valor. Cada uma das suas alunas sabe, por experiência, que tem nêle um professor de eleição e um amigo de conselho pronto. Era isto, de facto, o que Maria Adelaide Robert queria dizer quando foi há dias entrevistada por nós a propósito dos concursos de artistas de Rádio. Sem menos apêço pelos restantes professores — é a Santiago Kastner que tudo deve, sobretudo no capítulo de interpretação.



C ELEBRARAM-SE no Porto, no Palácio de Cristal, os Jogos Florais promovidos anualmente pela Emissora Nacional. Desta vez, a cidade do Tejo cedeu à cidade do Douro a glória de coroar os poetas premiados. Temos, entretanto, de reconhecer que este ano as produções foram, duma maneira geral, menos felizes; faltou a quasi todos fogo inspirador; e adivinhamos o esforço intelectual dos membros do júri para resgatar dentre montões de versos — alguma poesia.

Inventário & Balanço

A guerra que não se vê

A lei dos barómetros é a instabilidade. Pelo menos, temos que a considerar como lei fundamental e menos que todas sujeita a excepção. É ver como vai decorrendo este Julho, principalmente pintado de pardo, com alternativas de calor e fresco, as previsões dos observatórios a anunciarem-nos trovoadas, o sinal sonoro da barra toda a noite a buzinar nevoeiros, o mar a rojar-se nas praias com a sua fadiga de gigante que não pode, não sabe, nem quer mover-se de mansinho.

O povo, na sua ignorância de muitas coisas, não toma consciência dessas ignorâncias nem se convence delas. E vá, então, de pretextar explicações. Já no tempo da outra guerra — como se desse conta de perturbações atmosféricas que, na verdade, todos os anos é possível registar, mas de que cada um de nós, por via de regra, só se lembra quando as tem presentes — não faltou quem aventasse a explicação de que tudo isso muito bem poderia dever-se à força das explosões da artilharia, pelas deslocações de ar que inevitavelmente haviam de causar. A explicação foi tomada à conta de infantildade pelos homens de ciência, o caso passou, esqueceu — mas ressuscita-se agora pela presença dos mesmos fenómenos: o fenómeno da guerra, o fenómeno das perturbações meteorológicas.

Em boa verdade, a meteorologia, com todas as suas regras e registos, é de uma instabilidade que — talvez por a meteorologia ser feminina... — só pode comparar-se à volubildade que os poetas, os psicólogos, os neurasténicos e os autores de ópera costumam atribuir ao sexo outrora chamado frágil. «La donna è mobile...». Mas, desde que se não encontre outra explicação, a presente poderia muito bem ser de admitir, quando mais não fosse — em tempo de guerra...

Outro fenómeno que não falta quem atribua à guerra: queixam-se os pescadores — não já da falta de peixe, mas de manifestas migrações das espécies, pois some-se, por exemplo, a sardinha dos bancos onde era mais costumeira, e vai-se dar com ela, como quem joga na lotaria, em águas onde ninguém a esperava nem tinha o jeito de a procurar. A causa? Os práticos do mar não se intimidam de a atribuir a perturbações provocadas no mundo submarino pelas descargas explosivas de todos os calibres que cada dia se verificam por êsses mares frios. Os naturalistas não negaram, nem vimos que os consultassem sobre a matéria, mas não é coisa por aí além admitir-se que não sejam os habitantes do mar indiferentes ao rebolço que vai pelo seu mundo fora — aliás, melhor se diria, neste caso, pelo seu mundo dentro... Nós, pela nossa parte, que não andamos na guerra, bem sabemos quanto ela nos afamenta. E temos, pelo menos, a culpa de ser homens da mesma forma e configuração dos que fazem a guerra. Pois, mesmo assim, apesar das culpas que nos cabem, solidariamente, pela nossa simples condição de homens, fugimos a sete pés, e com todas as razões, de ser salpicados pelos borrifos da refrega: — «Para longe, t'arrenegol». Imaginemos por nós — o que «pensam» os peixes! Que culpa terão êles, coitados, do sarabulho que todos nós lhe fazemos e mandamos lá para casa!...

PORTUGAL Maravilhosos — assim se chama a colecção preciosa de estudos que o sr. dr. João de Barros dirige, ao lado de Machado da Luz, que tem a seu cargo a direcção da parte artística do trabalho. Portugal de ontem, Portugal de hoje, Portugal de amanhã vai desfilar nas páginas desta magnífica obra subscrita pelas mais autorizadas penas das ciências, das artes e das letras. A parte colonial, que ocupa desde já uma secção à parte, é dirigida por Julião Quintinha, tendo colaborado nos dois primeiros fascículos Augusto Casimiro, prof. Dr. Raúl de Miranda, Dr. Armando Marques Guedes, almirante João de Azevedo Coutinho e Amadeu da Cunha. A iniciativa é das Edições Universo.



O leitor, daqui a pouco, quando começar a folhear a nossa revista, vai notar que não subirá, como de costume, pelo braço de Luiz de Oliveira Guimarães, da sua pitoresca «Cajçada da Glória». É que está doente este nosso querido amigo — sem gravidade, felizmente — mas doente a não poder escrever. O leitor há-de sentir pena — mas nós também: porque nos agrada o convívio literário de Luiz de Oliveira Guimarães e porque nos dói a doença do bom amigo. Para as suas melhoras são os nossos votos — e, temos a certeza: são os votos de quantos habitualmente o lêem.



OS incêndios sucedem-se por êsse país fora, ateados pela mão da Fatalidade. Há quem afirme que o fogo tem qualquer coisa de purificador. Cremos bem que as chamas que têm reduzido a cinzas tantos lares e tantos sonhos constituem a obra do Deus do mal. Dentre os cataclismos que pesam sobre o destino humano, o incêndio é porventura aquêle que se reveste de mais trágico paradoxo — por que ilumina, sarcásticamente, a própria desgraça que produz.



**CORONEL
SANTOS
NOGUEIRA**

Foi recentemente nomeado director dos Pupilos do Exército cargo de que va certamente, e sempre, com o brilho de que o seu alto saber tem dado as melhores provas.



**COMANDANTE
ALVARO
MARTA**

Um dos mais prestigiosos oficiais da nossa armada, foi o chefe da missão naval portuguesa que recentemente visitou a Europa. O governo do país vizinho distinguiu-o com uma alta condecoração.



**FRANCISCO
CAMILO**

Um poeta que surge pleno de inquietação, num primeiro livro a que deu o título de «Princípio...», prefaciado por Leopoldo Nunes, e que é o melhor elogio do autor deste feixe de poesias.

Vida MUNDIAL
Publica-se TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 25844

VIDAS QUE DESPERTAM,

CIDADÃOS QUE SE APRESTAM!



—«Era uma vez uma senhora muito boa e muito linda que muito gostava dos meninos pequeninos e tinha muita pena dos que não tinham pão, nem casas com sol, nem brinquedos, nem amigos que os guiassem...».

Daqui a muitos, muitos anos, pode falar-se assim de Fernanda de Castro, que vê a pobreza espiritual e material dos pequeninos, através da poesia, e que faz versos através das vidas pequeninas sem amparo... Matéria de espírito, matéria de corpo para plasmar, amor, poesia e sonho — e aqui temos os Parques Infantis, primeiro passo — oh! não, não esquecer os Jardins-Escolas João de Deus, modelos, pioneiros! — para uma obra que há-de ampliar-se, concretizar-se, tornar-se uma realidade objectiva, útil, verdadeiramente prática. Capitão Afonso Pala é um modelo de ternura. Falta-lhe talvez o que Fernanda de Castro faz na Rua

na orientação prática, aquilo que o torne

— É assim que se devia fazer em toda a parte, para que todas as crianças pobres desta Lisboa de 800 mil habitantes pudessem, como as sessenta que aqui recebemos, ter algumas refeições certas, o seu parque de brinquedos...

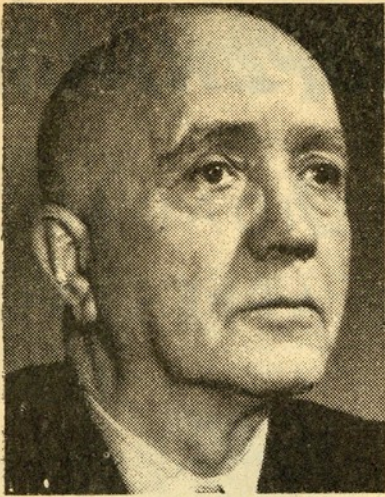
E é assim mesmo. Fernanda de Castro, com a sua alma de poetisa e o seu coração de mãe, lembrou-se que há milhares de crianças abandonadas de dia aos descuidos da rua, enquanto os pais trabalham; outras que ficam em casa, agarradas à tristeza de uma cave ou de umas águas-furtadas — e achou que podia arrancar essas almitas da treva para um parque cheio de sol, de ar puro, de brinquedos, de pão e leite. Criou então os Parques Infantis, que amanhã se ampliarão no sentido de receber cada vez mais crianças, sem deixar de se reduzir a fórmulas simples: coisas modestas, uma escola de bom gosto e arranjo, para as possibilidades que um dia os homens de amanhã encontrarão na luta pela vida. Lá fora já se chegou a conclusões idênticas, e a prática nos levará ao mesmo caminho. É que tudo aquilo é tão bom — ali, na «Colmeia» — tão lindo, por vezes tão inadaptável a outra realidade, aquela que a criança vai encontrar no lar, que é de ter medo que se esqueça do seu caminho, para alcançar aquilo que não pode ter...

A «Colmeia» que se inaugurou agora é um prolongamento dos Parques Infantis: a criança mais crescida, com possibilidades de aproveitamento de trabalho, encontra nas excelentes instalações da «Colmeia» a matéria desse aproveitamento. Se é rapaz, aprende, por exemplo, a carpintaria; se é rapariga, aprende costura, rendas, tricots — e tudo o mais que à mulher compete realizar dentro do lar.

A «Colmeia» — hindo nome — será, sem dúvida, o início de uma grande escola técnica, o prolongamento do Parque, uma casa onde as raparigas aprendem a ser mulheres e mães — duas de lá se casaram já — com aulas de puericultura e o mais que o povo necessita de saber para seu fortalecimento. Será o último e mais vantajoso aprestamento moral e material para a vida dos pobres de Lisboa. E Fernanda de Castro, espírito formoso e poesia em forma — terá então realizado o mais belo poema de mulher e poesia.

—«Era uma vez uma senhora muito boa e muito linda...».





BADOGLIO

A sentença é de Alfieri e tem o selo dos séculos: «Em parte nenhuma do mundo a planta humana cresce e se desenvolve como na Itália.» Montaigne, que conheceu e admirou os italianos, dizia deles: «De uma forma geral, têm mulheres mais bonitas e mulheres menos feias do que nós. Belezas raras e deslumbrantes têm tantas como nós. A mesma coisa pode dizer-se dos homens. Homens vulgares têm mais do que nós, o que é natural. Mas os temperamentos brutais são entre eles muito mais raros do que entre nós. E quanto a almas de eleição, nada nos ficam a dever. Melhor do que ninguém, Machiavel, que foi um dos maiores italianos de todos os tempos, um temperamento onde a tradição medieval se misturava à antecipação do Ressurgimento, dizia dos seus compatriotas: «Inigualáveis nas acções individuais, são menos valiosos nas organizações e nos grupos.»

O individualismo é a tara e a virtude capital do génio italiano e é ele que justifica a grandeza histórica da Itália. Essa virtude acaba de jogar, mais uma vez, fazendo com que, num momento capital da vida da nação, um político que não ignorava a arte da guerra, fôsse substituído por um militar que conhece os segredos da política, Pietro Badoglio.

Um velho provérbio toscano ensina ao mundo que «tutto il mondo è paese» e em nenhum caso, como no caso da Itália, ele exprime uma verdade que devia estar sempre presente na memória dos homens quando se trata de apreciar e julgar os estrangeiros. Machiavel, que fazia política, na mais elevada e na mais rudimentar acepção deste termo, conhecia os seus compatriotas para afirmar que os rasgos individuais são ao longo de toda a vida da nação um elemento essencial da grandeza colectiva e que são eles que servem para exprimir os períodos culminantes da sua história e para explicar as suas horas luminosas como as suas horas sombrias, os seus momentos de esplendor como os seus momentos de decadência e para interpretar os contrastes que têm, em cada país, a sua explicação porque, como diz o velho provérbio toscano, «tutto il mondo è paese».

O HOMEM E O SOLDADO

O marechal Pietro Badoglio é um italiano da mais pura extração. A sua origem humilde não o impediu de atingir os altos postos e de alcançar as honrarias mais apetecidas pelo valor dum mérito pessoal nunca desmentido. A coerência é uma das suas virtudes. Dê-lo se pode dizer que tem sabido ser, em todas as circunstâncias, fiel à sua origem e ao seu destino. A pátria nunca apelou para o seu concurso debalde. Mas a marca dum carreira em que a obediência e o sentimento da responsabilidade são as normas de conduta irremovíveis, emprestou à sua personalidade características especiais. Em Pietro Badoglio o homem e o soldado são inseparáveis.

Esteve em Aduá e em Vittorio Veneto, e esta circunstância rara não pode ter deixado de influir no seu carácter e no seu temperamento. Porque, como ele, a vista nos de distância, a Itália conheceu a derrota e a vitória. Nesses vinte anos que evolução profunda a do seu espírito! A evolução que corres-

O MARECHAL BADOGLIO

SERVIDOR DA ITALIA E DA CASA DE SABOIA

Por Carlos Ferrão

O MARECHAL E A CASA DE SABOIA

ponde à trajectória dum pátria que resgatou os seus erros e abriu o caminho para o futuro. Esse caminho nem sempre esteve isento de dificuldades e de perigos. Mas a Itália e com ela Pietro Badoglio percorreram-na, entre 1898 e 1918, num sentido ascensional e com a noção das suas responsabilidades.

Nenhum italiano do seu tempo soube utilizar, como Badoglio, aquilo que Machiavel saborosamente chamava «una lunga pratica e continua lezione delle code del mondo». Aos setenta anos o chamamento da pátria veio encontrá-lo no seu posto que é de sacrifício e de abnegação patriótica. O marechal Badoglio respondeu ao chamamento e o seu primeiro apêlo foi a favor da unidade e da disciplina nacionais. As virtudes do soldado aparecem, mais uma vez na sua carreira, a condicionar a actividade do político que tem uma tarefa delicada a realizar, uma vez que o destino o colocou no posto de maior responsabilidade.

UM COMUNICADO HISTÓRICO

Antes de ser o marquês de Sabatino, Pietro Badoglio foi tenente-coronel do exército italiano, promovido a este posto por distinção e por feitos praticados no campo de batalha. Há um quarto de século, no dia 4 de Novembro de 1918, o comunicado oficial do comando supremo das forças italianas em luta contra o império austro-húngaro anunciava:

«A guerra contra a Áustria-Hungria foi ganha. A batalha gigantesca que se iniciou em 24 de Outubro e na qual tomaram parte cinquenta e uma divisões italianas, três britânicas, duas francesas, uma checoslovaca e um regimento americano, contra sessenta e três divisões austríacas, terminou. O exército austro-húngaro foi aniquilado. Sofreu as mais graves perdas no decurso da resistência encarniçada que ofereceu às nossas tropas durante os primeiros dias da luta e durante os dias em que durou a nossa perseguição. Perdeu quantidades enormes de material e a quasi totalidade das suas instalações. Deixou nas nossas mãos mais de trezentos mil prisioneiros e um despojo em que se contam cinco mil canhões. Os restos daquilo que foi um dos maiores exércitos do mundo sobem em desordem e sem esperança as encostas que tinham descido com uma certeza orgulhosa.»

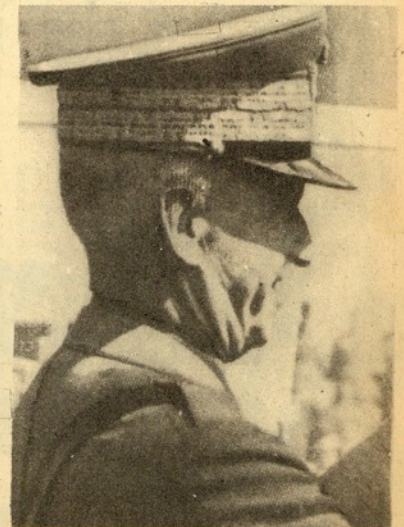
Era a hora da Vittorio Veneto e pouco tempo depois era a hora da vitória. Entre a batalha e o armistício mediarão sete dias, uma semana curta durante a qual os acontecimentos se precipitaram. Pietro Badoglio estava na primeira fila dos intérpretes do drama em que se decidira o destino histórico da sua pátria. O inimigo hereditário sucumbira e a Itália, ao fim dum século de luta, alcançava a sua fronteira natural. O plano da batalha fôra, em grande parte, obra da sua inspiração de soldado. Ao lado de Diaz, aquêle tenente-coronel atento e estudioso soubera encarnar o sentido histórico da oportunidade que se oferecia e aproveitá-lo.

Se as decisões da paz não corresponderam à grandeza dos sacrifícios consentidos, a culpa não fôra, certamente, sua. Pietro Badoglio bem merecia da pátria e a consciência do dever cumprido e excedido foi nêle certamente mais forte do que a sensação do prestígio adquirido por um acto militar de repercussão mundial.

Foi Giorgio Quartara quem escreveu um dia no seu livro «A Itália desiludida» que a história da Itália contemporânea não pode ser estudada sem o conhecimento da tradição e da acção da Casa de Saboia. «A Itália deve à Casa de Saboia, escreve Quartara, em primeiro lugar a sua unidade, e depois de realizada essa unidade, a sua evolução cívica, as suas aquisições coloniais, a sua entrada na guerra mundial, a vitória, as terras fronteiriças redimidas, a conquista das suas novas fronteiras. As tradições soberanas da Casa de Saboia são milenárias. Estamos certos de que o ceptro realizará o Império italiano.»

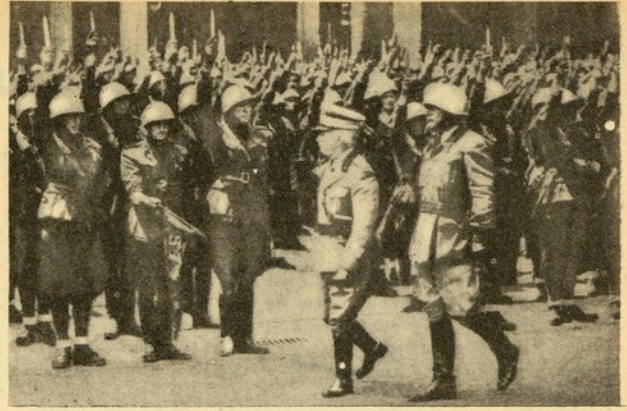
O juízo de Quartara era completado, por uma profecia que se cumpriu. As vicissitudes da guerra não permitem que essa profecia tenha, neste momento, um significado actual. Mas o destino da Itália encontra-se intimamente ligado ao destino do continente africano e esta realidade histórica, qualquer que venha a ser a sucessão dos acontecimentos imprevisíveis, tornou-se uma lei do mundo contemporâneo.

O marechal Badoglio pensou sempre que a nação italiana está indissolúvelmente ligada às suas instituições tradicionais. Esta convicção tem sido a regra inalterável do seu pensamento político. A primeira proclamação que dirigiu ao povo italiano serve para a confirmar e para lhe dar um sentido actual. Amigo do rei, é sobretudo na sobrevivência da dinastia e das instituições monárquicas que o marechal reconhece a razão fundamental para ter confiança no presente e no futuro. Sabendo que, como dizia Sir Edward Grey, todas as instituições humanas devem evolucionar para durar e precisam durar para poderem evolucionar, o marechal lançou o seu grito de união em volta do trono com o sentimento profundo de que as pátrias, nas horas culminantes da sua trajectória, precisam de apoiar-se na experiência tanto como na razão, para se imporem no conceito internacional e para se redimirem.





1918: O armistício fôra assinado havia pouco. A Itália combatera ao lado da França. Nesta foto vê-se o rei Victor Manuel acompanhado do Presidente Poincaré.



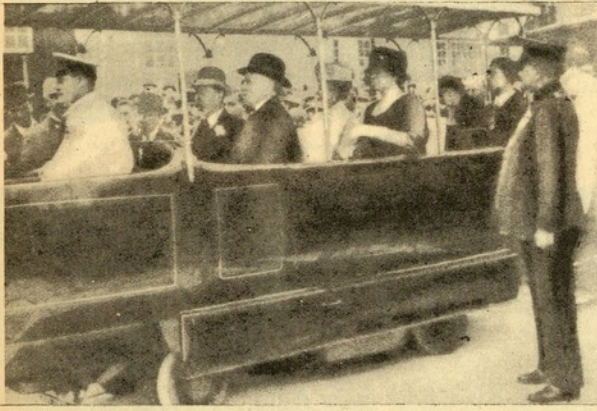
1936: Estes soldados italianos regressaram de Espanha, onde se bateram ao lado das forças de Franco, Victor Manuel passa-lhes revista em companhia de Mussolini.



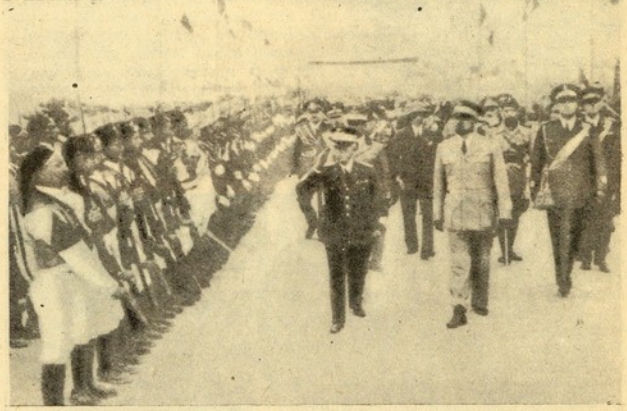
1922: Após a vitoriosa marcha sobre Roma, o fascismo tomou conta do poder. O rei de Itália dirige os seus cumprimentos a Mussolini.



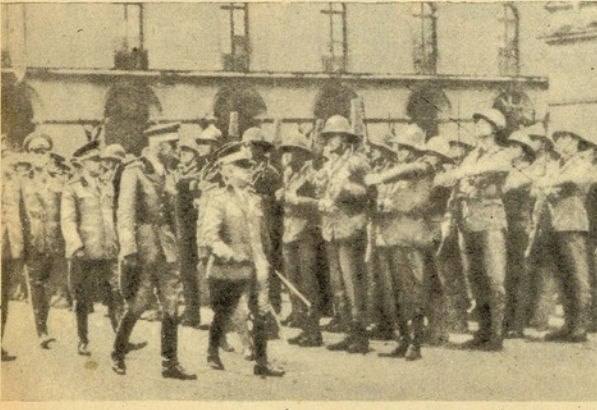
1937: Victor Manuel recebe em Roma o regente da Hungria, almirante Horthy.



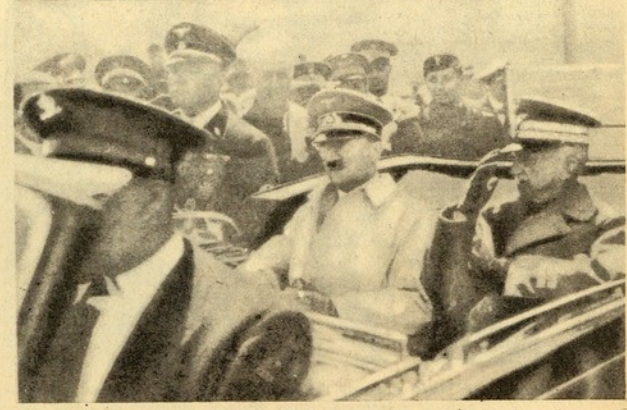
1924: Victor Manuel visita Londres. Vemos aqui o soberano italiano acompanhado do rei Jorge V, da rainha Mary e da rainha de Itália. No banco de trás a princesa Mafalda e o príncipe Humberto.



1938: O soberano italiano visita o seu império. A guarnição de Benghazi acolhe-o entusiasticamente.



1935: O rei-imperador passa revista às forças vitoriosas da guerra da Abissínia.

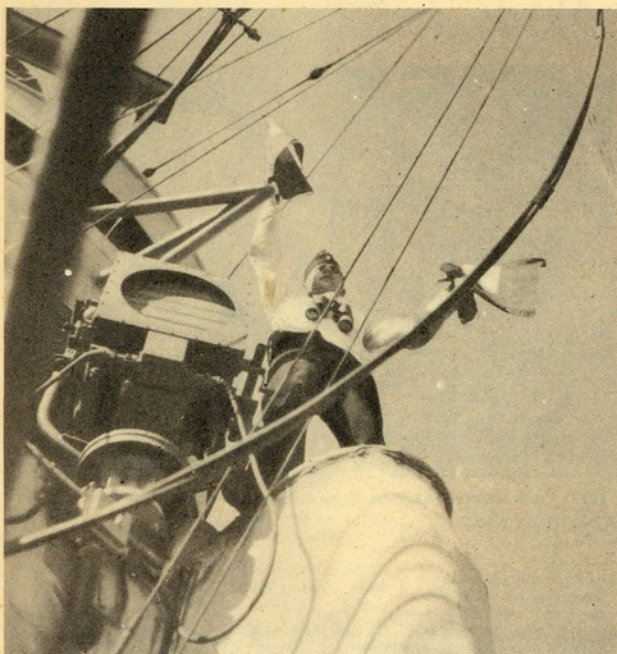


1938: A Itália e a Alemanha são aliadas nesta guerra. Estão ligadas pelo «pacto de aço». Victor Manuel recebe Hitler em Friburgo, que fica a cerca de 40 quilómetros de Roma.

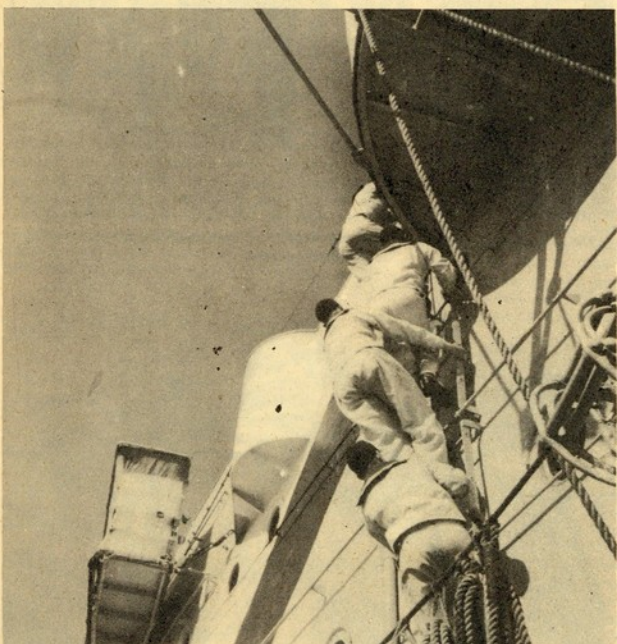
GENTE DE TERRA

PARA A GUERRA NO MAR!

A marinha de guerra alemã tem tradições que se mantêm. É forte, aguerrida e persistente. Mas um marinheiro, elemento activo num conjunto de operações combinadas, não se faz sem grande aprendizagem, instrução e disciplina. É certo que nem só em horas de trabalho e cansaça se passam os dias dos rapazes que vão cruzando os mares — os mares em luta: a mocidade reclama, por exemplo, um bom harmónio e aqui está este que, pelos modos, sabe acompanhar as canções patrióticas dos companheiros, com um cuidado e artes particulares...



Esta fotografia foi tirada durante a instrução — porque, para se ser bom sinaleiro, é preciso ter recebido boa instrução de sinais.



Outro exercício. Agilidade, presteza, são condições fundamentais para a capacidade de manobra do barco. Avançar, pois...



...que, quando o cabo-marinheiro apita, é preciso ter as pernas e os braços bem desembacados!



O harmónio é o companheiro inseparável do astêntico marujo.

7 DIAS DE CINEMA



Só o Cinema poderia fazer o milagre! Só o Cinema, com o seu poder de síntese e de sugestão, nos podia transmitir a visão gigantesca da luta travada entre dois exércitos magníficos, nos areais do deserto africano — e resumir, numa hora apenas, o esforço titânico de meses e meses de preparação e combate. Combinando os gráficos animados com as imagens correspondentes, pôs diante dos nossos olhos, com absoluta clareza, os prodígios da estratégia, que decidiram uma campanha.

«Vitória do Deserto», mais do que um documentário de guerra, é o relatório, sério e conciso, das batalhas que encerraram uma fase da conflagração actual. A objectiva, testemunha fria e implacável, foi a toda a parte, tudo perscrutou e recolheu. Dezenas de caçadores de imagens, correspondentes de guerra ao serviço do cinema, levaram-na às linhas de fogo; às planuras infundadas onde os monstros de aço se entrechocavam num duelo de morte; às alturas, de onde os aviões metralhavam as forças em retirada; às cidades, onde desfilaram as tropas dos triunfadores — para gravar as horas amargas e felizes duma campanha, que se caracterizou por sucessivos fluxos e refluxos.

A história desta guerra está a ser escrita no celuloide. As imagens falam na sua própria mudez. A câmara cinematográfica, no grande processo da História, fará, na hora própria, o seu depoimento, irrefutável e justo.

De futuro só o Cinema poderá, condignamente, exaltar o esforço dos homens, a glória dos exércitos, o génio dos generais. A linguagem viva das imagens, sendo a mais sóbria, é a mais eloquente — e a mais convincente.

E o Oitavo Exército tinha direito, pelo seu valor, a ser glorificado na tela em «Vitória do Deserto» — epopeia e gesta duma batalha que, por ser tão árdua, e ante adversário tão valoroso, o impôs à admiração do mundo.

* * *

O filme começa por evocar as horas dramáticas da derrota. As portas de Alexandria, em El Alamein, numa frente apoiada no mar e na depressão de Cattara, os restos dum exército desmantelado agrupam-se na defensiva. O inimigo, esgotado pela longa correria, reúne as forças para a arrancada final, que o levará à foz do Nilo. Na terra calcinada pelo sol, onde as picaretas ressaltam como se batessem em rocha, cavam-se trincheiras. Tobruk rendera-se em condições dramáticas, por inesperadas. O Oitavo Exército tem, diante de si, negros dias!

Churchill surge, na hora própria. Traz consigo os novos chefes do exército batido: Alexander e Montgomery. Diante deles o deserto e o Afrika Korps — dois inimigos poderosos. E começam a chegar os reforços... A América manda, em dezenas de navios, os *Shermans* e os *General Grants*. A comunidade britânica envia soldados, para completar os quadros desfalcados. Soldados hindus e guerreiros do Canadá. A África do Sul fornece tropas e material. A aviação — a mais poderosa força aérea jamais vista em território africano — cresce, dia a dia. Na selva, constroem-se pistas e hangares. Aparelhos de todos

os tamanhos e de todos os tipos cruzam o céu... Os homens treinam-se fisicamente. Fazem ginástica, aprendem a galgar paraquitos, correm nas estradas poeirentas, saltam de camiões a grande velocidade... Dia após dia, o Oitavo Exército recompõe-se... E chega, finalmente, a hora da ofensiva. Pela primeira vez, na história duma batalha, todos os soldados — do mais infimo ao mais graduado — sabem o que lhes compete fazer: é preciso forçar uma passagem, na zona junto à costa.

E, certa noite, às 3 e meia da madrugada, a mais formidável barragem de artilharia atoa o deserto e acende clarões sobre clarões na planura sem fim, no negrume da noite. Todos os soldados esperam... E vem a hora do ataque. Os corações batem mais depressa... Tudo se movimenta no esforço supremo. De baioneta calada, a infantaria avança ao som da gaita de foles, que os escoceses imperturbáveis sopram, em passo de parada... Os sapadores levantam as minas. A zona livre é assinalada por duas fitas brancas, que os soldados desbobinam, à medida que o terreno aparece desimpedido. E é por esse corredor estreitíssimo, que as tropas se lançam ao assalto!

A luta prossegue, dura e cruel, durante dias e noites, sucessivas. As linhas germano-italianas começam a ceder. Na planície há dezenas de tanques desmantelados, que ardem com nuvens de fumo negro. A guerra ruga, furiosamente.

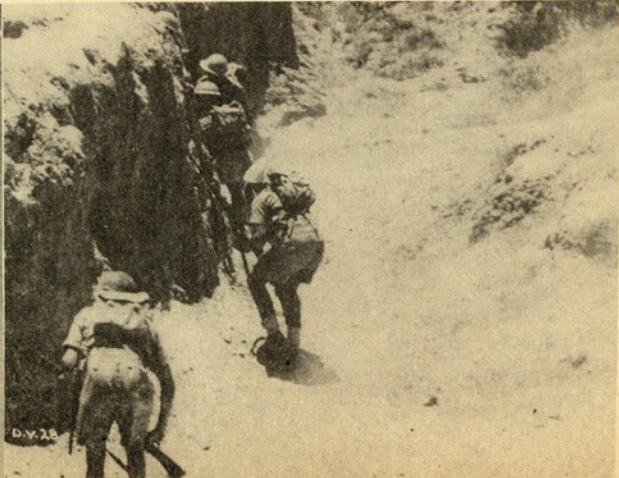
Toda esta fase do filme é admirável, sob o ponto de vista cinematográfico. A espetativa do ataque e o desenvolvimento do plano cuidadosamente estudado e preparado durante longos meses — são dados em imagens magníficas, e de grande sugestão dramática. E, depois, em breves apontamentos, assistimos à correria pela estrada costeira, que levou os exércitos germano-italianos às portas da Tunísia. O filme termina com o desfile da vitória em Trípoli.

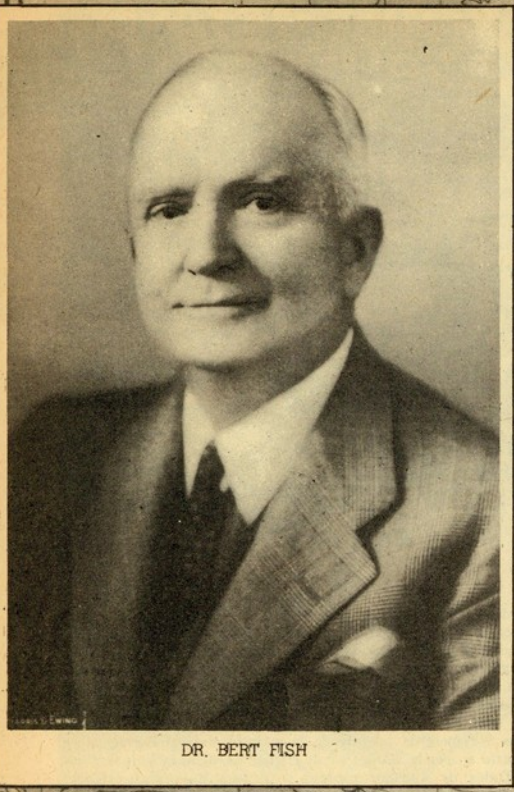
Alexander comunica num telegrama a Churchill que a sua ordem de conquistar a Líbia e a Tripolitânia fôra cumprida. O Oitavo Exército aguarda novos destinos.

* * *

«Vitória do Deserto» não se limita a descrever e documentar acções militares. Põe diante dos nossos olhos o complexo duma campanha militar desta envergadura. O problema dos abastecimentos, a coordenação indispensável dos vários serviços técnicos, o aproveitamento dos portos e vias de comunicação — tudo isso aparece, como toda a incrível transcendência dos factos.

Mas «Vitória do Deserto» vai mais longe, quando nos descreve as lutas do homem contra uma terra hostil. E então a epopeia do europeu, lançado em pleno deserto, atinge aspectos dramáticos insuspeitados. O sol queima. A morte ronda nas planuras sem fim. E quando as tempestades de areia se levantam, tudo se remete à defesa do flagelo. O filme não é só o relato duma campanha triunfadora. É a epopeia da vitória do homem sobre o próprio deserto — cemitério de mártires, campo de heróis!





DR. BERT FISH



A MORTE DO DR. BERT FISH MINISTRO DA AMÉRICA, EM LISBOA

A notícia veio nos jornais: inesperadamente, a morte levou um dos mais preciosos elementos da aproximação luso-americana — o sr. ministro da América em Lisboa e enviado extraordinário, sr. dr. Bert Fish. Pela sua carreira brilhantíssima, pela vastidão da sua cultura, pelos seus antecedentes biográficos, fóra indicado pelo seu país para ocupar um posto que tamanhas responsabilidades oferecia no momento actual. Amigo pessoal do Presidente Roosevelt — como sucede a outras figuras predominantes da diplomacia norte-americana — começou a sua carreira diplomática, em 1933, como ministro do seu país no Egipto. Ocupara antes, nos Estados Unidos, vários cargos de relevo, tendo sido professor, advogado e juiz. Em todas essas funções se notabilizou, chamando sobre o seu tato, sobre as suas qualidades sociais e intelectuais, atenções que levaram à sua escolha para a carreira diplomática num país onde não faltam as vocações e onde não são raros os funcionários diplomáticos da maior competência e brilho.

Sendo ministro no Egipto, foi o sr. dr. Bert Fish designado para presidir à delegação americana à Conferência das Capitulações em Montreux, na Suíça, o que prova que, apesar de longe, o Governo americano não se esqueceu de aproveitar as suas brilhantes faculdades para uma reunião internacional de particular dificuldade sob os pontos de vista jurídico e político.

As suas viagens pela Europa, onde por duas vezes fixou residência por seis meses, permitiram-lhe exercer qualidades raras de observador que deixava continuamente transparecer na sua conversa fluente e reveladora da mais profunda penetração psicológica.

Em Lisboa, o sr. dr. Bert Fish conquistara uma posição predominante entre o corpo diplomático aqui acreditado; o seu encanto pessoal fez-se sentir em todos os meios e em todas as pessoas que com ele estabeleceram contacto. As suas recepções no Palácio da Legação, contavam-se entre as mais brilhantes que se fizeram na capital portuguesa: a elas concorreu não apenas o elemento oficial mas tudo o que há de melhor na primeira sociedade portuguesa — melhor pelo sangue e pela inteligência, pela posição social e pela cultura.

O sr. dr. Bert Fish possuía as qualidades ideais do diplomata, aquelas qualidades decisivas que asseguram o triunfo de qualquer homem em qualquer carreira e em qualquer país.

A sua morte, como não podia deixar de ser, causou fundas emoções e sentimento de pesar. As relações de boa compreensão e estima das duas nações atlânticas perderam um devotado obreiro, um incansável trabalhador.

elle

O QUE OS FARAÓS NEM SONHARAM DAS PIRAMIDES DO EGITO AOS EDIFÍCIOS DO CENTRO ROCKEFELLER

QUANTO sonho belo! Quantos corações inquietos têm embalado ou martirizado o homem. A ideia do grandioso, a ânsia de ultrapassar tudo, anteriormente criado na mesma inquietação, na mesma luta, na embriaguez e na idéia fixa e eterna de tocar o céu, mantêm-se como característica dominante da espécie humana; como qualidade e como defeito, como inteligência ou orgulho!

O Egito calmo dos mil anos A. C., a arida escaldante do seu deserto e o Vale fértil do Nilo!

Na tranquilidade maravilhosa deste cenário, existiu e cultivou-se a volúpia do grandioso. A morada eterna e o palácio do Grande Senhor!

Os chefes do antigo Egito orgulhavam-se do requinte da sua arte e do sublime da sua religião. Construíram para a eternidade.

As altíssimas pirâmides desafiavam a vida eterna do sol, guardando em si própria a idéia sublime da eternidade. A alma voltaria ao corpo encerrado nesses túmulos grandiosos que pouco custaram ao Egípcio.

Pedra, havia muita no seu Vale fértil; transporte e material humano eram a dádiva do escravo! Hoje a grandiosidade dos nossos edifícios só é possível com o dinheiro correndo como rio caudaloso.

Os egípcios construíram os seus mais belos edifícios para que «vivessem» eternamente as almas dos seus senhores. Não era a vida que tinha o privilégio de gozar o esplendor e a magnificência dessas realizações tão belas.

As grandes construções de hoje são colmeias dum complexo de actividade; teatros, cinemas, lojas, escritórios, estações de rádio, constituem o tesouro vivo, guardado nessas massas de edifícios como por exemplo o Centro Rockefeller.

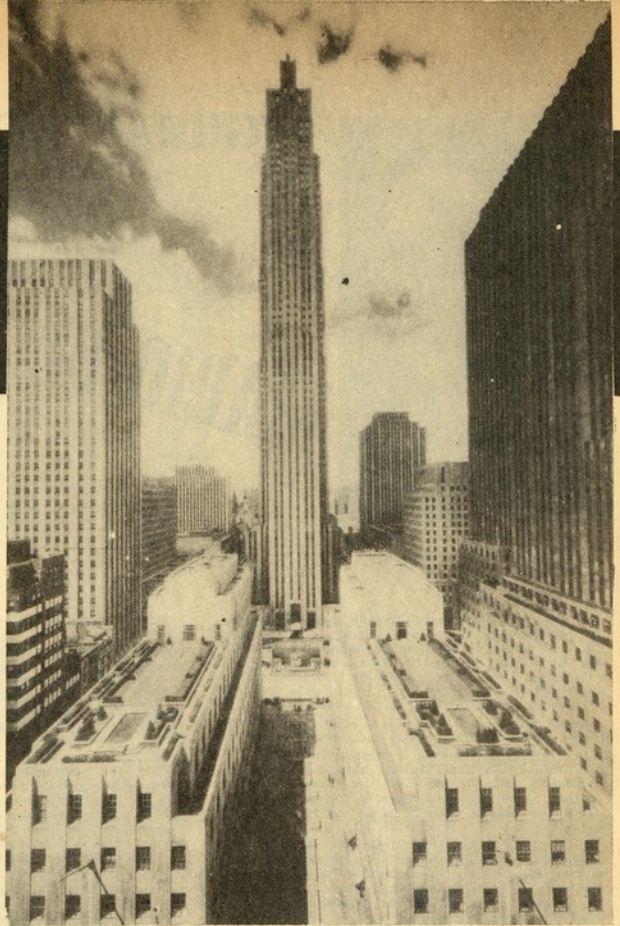
Deixemos que essa velha mas magnífica civilização tenha guardado múmias nas suas mais belas construções e a civilização dos nossos dias dedique as suas obras mais grandiosas para a humanidade viver, fazendo as suas diábruras com algum bem de mistura.

Sem dar uma opinião ou orientação que obrigue, por comodidade, a seguir qualquer doutrina filosófica, todos podemos sonhar!

Um Vale muito fértil e calmo, uma casa pequenina com colunas de bambú, um grande senhor muito longe de nós, ou uma cidade febril, dinâmica, mais perto do céu mas mais longe da terra e da origem divina.

A pirâmide era uma construção maciça e dava-nos a sensação de estabilidade. Hoje, a América constrói dezenas de andares acima do ponto mais elevado da maior das pirâmides, como verdadeiras prateleiras de aço, cimento e pedra, com grandes espaços úteis. Este foi sempre um dos mais importantes problemas da arquitectura: obter o maior espaço, usando materiais mais económicos, processos mais eficientes, mantendo-se no entanto os dois grandes sistemas — a coluna e o lintel, e o arco. O Templo de Ammon em Karnac é um dos mais belos Templos da antiguidade, com o seu sistema coluna e lintel. Não à dúvida que os egípcios erguiam os seus Templos para a eternidade, mantendo-se por longo período o mesmo estilo e gosto. Muitos reis construíram porções deste Templo 1633 a 323 A. C.!

A profusão de colunas e ornamentos obedeceu a um conceito de beleza? Tanta pedra e a ausência de madeira eram a materialização do seu ideal de estética? Dentro do conceito de eternidade a pedra era um material indicado; sabiam do



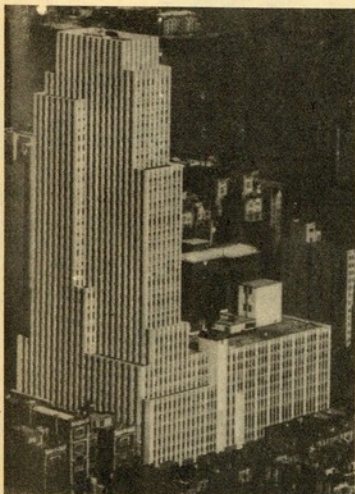
O Centro Rockefeller, na cidade de Nova-York. Um notável conjunto arquitectural, no que representa de uniformidade de construção.

seu grande valor de pressão e fraca tensão e, por isso, eram altas as colunas dos seus templos mas não podia ser grande o lintel. A arquitectura egípcia ergueu em Karnac uma profusão de colunas, muito belas e juntas, dando uma notável sensação de calma. Os materiais modernos revolucionaram o sentido estético da arquitectura, embora se mantenha em muitos edifícios de Nova-York e de Chicago, o emprêgo da coluna e do lintel, abandonando a linha horizontal, do que resulta uma sensação de energia e dinamismo em vez da calma e da tranquilidade.

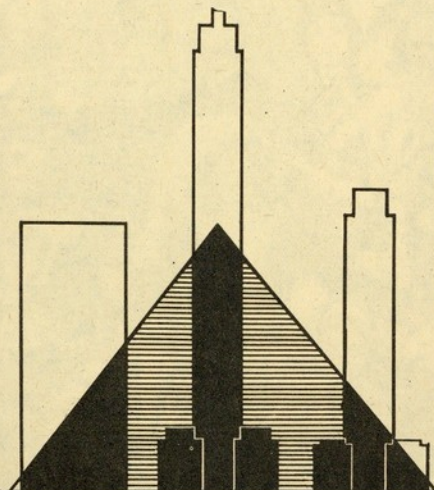
Os centros importantes dos grandes aglomerados humanos de hoje continuam a ser o símbolo do mesmo orgulho e vontade inquebrantável de superar tudo que a inteligência humana tenha idealizado e criado, em épocas anteriores.

Estes grandes e belos edifícios da América é inegável oferecerem uma sensação de estética que agrada, constituindo justificado motivo de orgulho da mocidade dos Estados Unidos.

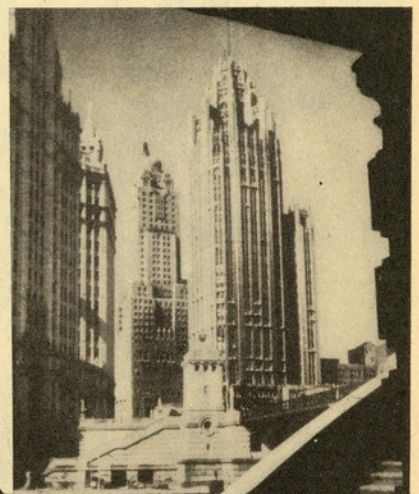
LUÍS AREOSA



O edifício do «Daily News», na cidade de Nova-York, construído pelos arquitectos John Mead Howells e Raymond Hood. Este edifício é um verdadeiro modelo do tipo de construção de coluna e lintel, aplicado à arquitectura contemporânea; os pilares brancos verticais contrastam de maneira flagrante com os espaços escuros das janelas.



O Centro Rockefeller é aqui comparado em tamanho com a Pirâmide de Cheops.



Vista tirada ao longo da Michigan Avenue, da cidade de Chicago, apresentando, da esquerda para a direita, a Torre Wrigley, o Medinah Athletic Club e a Tribune Tower.

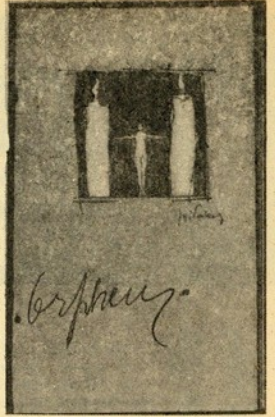
FIGURAS DO FUTURISMO



Mário de Sá Carneiro, num dos seus últimos retratos

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Por CORREIA DA COSTA



Reprodução da capa do «Orfeu».

A figura mais inconfundível e mais expressiva do modernismo literário português, o chamado futurismo, ao lado de Fernando Pessoa e de Raúl Leal, é Mário de Sá Carneiro, estudante que foi em Coimbra na cidade de D. Denis, no seu Studo Geral e por último na Lutécia onde frequentou direito, fugidamente, na Sorbonne.

A sua ambição de lisboeta, o seu ex-voto de infante tinham os olhos postos num alvo: Paris.

Foi 1915 o Ano Aureo, o período culminante do movimento futurista. Tinham sido publicadas as revistas «Centauro» de Luis de Montalvor e o «Orfeu», simultaneamente com os livros de Sá Carneiro «Dispersão», «Confissão de Lúcio» e «Céu em fogos».

Houve uma pequena revolução nos costumes literários da capital. O burgo lisboeta delirava, agitava-se, comentava e talvez bem intencionadamente, disfrutava um espectáculo raro e inédito: a entrada da literatura dentro de novos horizontes e de inéditas paisagens de espirito.

Tudo se conjugava para tornar esse movimento numa ideia de renovo, em marcha, em busca de novos moldes e caminhos nunca doutrem pisados. Eram pintores, arquitectos, músicos, esculptores, poetas e artistas da palavra.

Dir-se-ia um mundo à parte à procura de um outro mundo. Em jornais, revistas de ano, em caricaturas, nos conciliabulos de boteguim, nas faculdades, o assunto dominante, a ideia fixa, era o nascimento e a evolução do movimento futurista.

A reacção não se fez esperar e embora a imprensa pusesse a sua propaganda ao serviço de ideias novas, todos aquelles que nunca compreenderam nem comprehendem ainda a luz forte que animava os

horizontes do espirito lusitano, entraram em guerra aberta.

Voltaram os tempos das descobertas, tendo sido encontrado um novo caminho, um novo itinerário para as ideias literárias.

Mário de Sá Carneiro, é próprio, num dos seus poemas lantejoulado de imagens, sentenciava, previa: «De aqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda».

Que figura curiosa e rara a d'este mago artista, d'este bruxo que tão belamente embruxou as nossas letras coevas, d'este renovador das formas e das imagens, d'este segundo Cesário Verde da poesia moderna, que conjuntamente com Patricio, Camilo Pessanha e Fernando Pessoa, abriu uma janela luminosa para o lirismo lusuado, hoje tão liberto e tão independente de fórmulas obsoletas.

O poeta da «Dispersão» tinha o seu quartel geral no «Martinho» onde o conhecemos pessoalmente.

Aí, numa mesa ao fundo é que elle escrevia, é que elle passava todos os tormentos e angústias da sua criação embriagadora.

Vindo de Paris a sua figura irradiava um «fluido» de simpatia, porque regressado do bairro latino e de Montparnasse, dir-se-ia ter descido desdenhosamente do Olimpo à curva desdenhosa e delirante do Chiado.

Plácido, pesado, subindo com dificuldade, de olhos rasgados e encarvoados, parecia uma personagem estranha, qualquer coisa onde se sentia a majestade dum Alguém.

O ruído em sua volta tornára-o conhecido dos meios intelectuais e dos cafés e boteguins então os templos onde se venerava a chose littéraire.

A sua figura de doente de beleza, de cansado, de

ensimesmado e alheio às realidades ambientes era por elle próprio confessada: «o sem nervos nem ansia, o papa-açórdas».

Tudo o seu ser parecia amparado por um sópro de tristeza e de fatalidade.

Triste, duma lusiada tristeza, nem a folia de Paris, nem o seu ruído tentacular, nem os lábios rúbricos de Montmartre o puderam deslumbrar. Uma melancolia indefinida parecia vestir toda a sua alma de nevoeiro londrino, de chuva interior, de isolamento celibatário.

Era um alguém que tinha dito adeus à vida e esperava apenas conforto da sua própria dor, essa enfermeira que sempre cuidou do cenário do seu sonho ao mesmo tempo semelhante ao dum Oscar Wilde e dum Edgar Poe.

Como este último, todo o seu sonho era apenas como o grito do corvo Edgarpoetano: «Nunca mais».

Quasi trinta anos passaram e o seu nome sobe sempre ao lado duma obra pequena e rebelde, mas que é um clarim inextinguível, uma labareda cada vez mais acesa e brilhante, no céu da lembrança.

Mário de Sá-Carneiro nasceu em Lisboa em 19 de Maio de 1890 e suicidou-se em Paris, em 26 de Abril de 1926, tendo sido publicado o seu livro póstumo «Indícios de Ouro» há poucos anos.

A sua auto-biografia de alma, todo o seu sonho interior estão nesta síntese:

*«Lord que eu fui de Escócia d'ontra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadência,
Sem brilho e equipagens,
Milord reduzido a viver de imagens».*

Com 26 anos morreu, «reduzido a viver de imagens», um dos mais inconfundíveis precursores do nosso modernismo literário.



Sá-Carneiro aos 17 anos, numa recita de estudantes.



SANTANA

O PROF. DOUTOR RUI ULRICH

(Visto por Santana)

Louça de barro, LOUÇA dos POBRES

Por MANUEL MARTINHO



— Falta, nesta bilha, a asa. O oleiro, vai pô-la, cuidadosamente.

A louça de barro é dos pobres. É o vaso do mangerico, debruçado da trapeira, a bilha da água fresquinha, que é um consólo nas securas do Verão, o tacho redondo, bem vidrado, que torna apaladada a ceia da gente humilde. Toda essa louça sai, também, das mãos de trabalhadores modestos, de ganga remendada. O pucarinho, a malga, a saladeira, o pote, o alquidar, o próprio fogareiro, foram feitos pelos oleiros. O seu processo de trabalho é quasi primitivo. Tudo evoluiu no campo industrial.

Montaram-se grandes máquinas que giram pelas correias, na força diabólica dos dinamos; por moldes, e em série, os motores de grande potência fizeram em horas trabalhos de semanas inteiras; só o oleiro ficou como estava: o seu torno de pedal — e o seu barro, que lho deu a Natureza.

Todavia, há no seu labor um entusiasmo de artista. O barro vem, depois de amassado no grande tanque, para cima da bancada; o oleiro sabe moldá-lo a olhos fechados; põe o torno a trabalhar, bastando para isso dar-lhe um movimento giratório com a perna; e, em cima da peanha, gradualmente, a bilha — se fór bilha — vai-se formando. Aparece o gargalo, esguio, e as mãos do oleiro moldam aquêle corpo disforme, que lembra uma pança bem ajantarada. Depois vai para a seca — em grandes filas, num quintal bem lavado de sol e vento. Noutra bancada fazem-se púcaros e canecas para água fresca e vinho verde de estalo.

Ai o oleiro sente melhor a sua obra. É um pedaço de barro a que ele vai dar forma, vida e um destino. É o gracioso o senhor pucarinho, a que não falta a garridice duma asa, para se lhe pegar bem, quando fór à boca. Junto da bilha, orgulhosa do seu tamanho, e do pai pote, tão inchado e de chapéu na cabeça, como qualquer

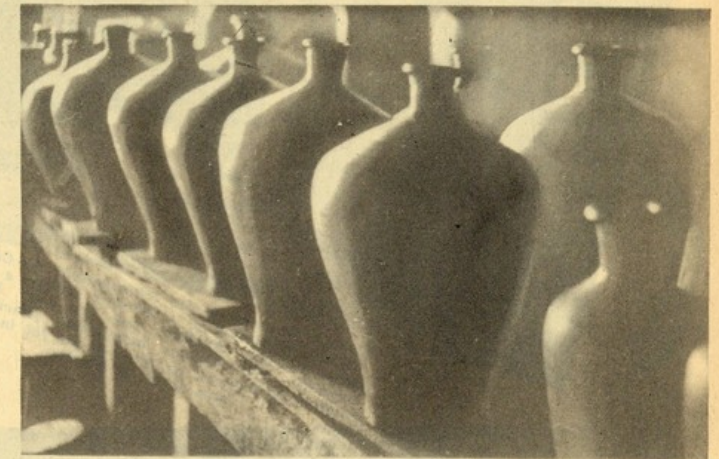
burguês de haveres, o pucarinho parece um bebé travesso, amimado no calor dos pais. Toda aquela família de barro se dá bem. E todos se juntam, como em família. São as azeitoneiras, as tijelas da casa, as jarras, os vasos, os pratos e as travessas, os cántaros — que até apagam um fogo — e as frigideiras, uma numerosa prole, nascida do barro, pela arte do oleiro. Uma oficina de oleiros tem o seu pitoresco — a que não falta o cheiro forte da caruma e da palha, para que a louça se não rache. É uma casa ampla, de tetos baixos, com o chão de terra, molhado, que a água é, também, matéria prima. Os homens, de calças puxadas ao joelho, enterram os pés nus no barro, e a enxada, numa roda viva, retalha o montão barrento. Grandes bancadas, cada uma com o seu torno, fazem, por dia, suar os operários em dezenas de trabalhos. Não é só a louça: as manilhas, para as canalizações, os grossos tubos, as telhas, que são feitas por moldes, tudo faz o oleiro, com certa ligeireza e perícia. O nosso povo tem, por tradição, apêgo à louça de barro. Se é no Verão bate tendas e lugares por via duma bilha, que não deite gôsto a barro, mas que torne a água fresquinha e leve, como a das nascentes. E então, para cozinhados, bons petiscos alourados em lume brando só o tacho, bem redondo e com pouca fundura, que abafa, ainda a frigar, numa rodilha de lã. Nas nossas aldeias, os que deitam ramo à porta e bondam em falaças dum vininho de truz, têm sempre, ao correr da parede, em pregos de palmo, meia dúzia de canecas que é um louvar a Deus beber-se por elas, a esfumar de fortaleza.

Em Lisboa, a quem o dinheiro não lhe cresce para botar lenha em fogões de caldeira, que cozem um boi, fazem bom remedeio no fogareiro de barro, que as sardinhas, em cima das brasas, com duas achas de lenha verde, pingam no pão — e é chorar por mais. As sacadas e varandins é ainda o barro que lhes dá poesia. Adega-se por aí um pé de mangerico pranta-se na terra, dentro do vaso. E depois o sol e a água lhe dão saúde — aquilo cresce e espiga que é um consólo.

Mesmo no tempo das castanhas, quando elas são graúdas e estalam ao lume, o assador tem, por força, de ser de barro.

É que, lá diz o povo: vai-se-lhe o gôsto, e o veneno dos esmalte entra nelas. Eis, assim, porque os oleiros, sendo humildes, melhor compreendem a sua obra: tudo que lhes sai das mãos é para o povo — o que melhor compreende, por não ter dinheiro, a riqueza da louça de barro.

E lembrem-se os oleiros que Santo António foi um grande freguês dessa indústria — pois partiu bilhas, como reza a tradição...



Uma enfiada de bilhas a secar, prontas para a venda.



Este homem já fez centenas de peças de louça de barro.



Dentro do tanque, com a água pelos joelhos, o trabalhador amassa o barro.



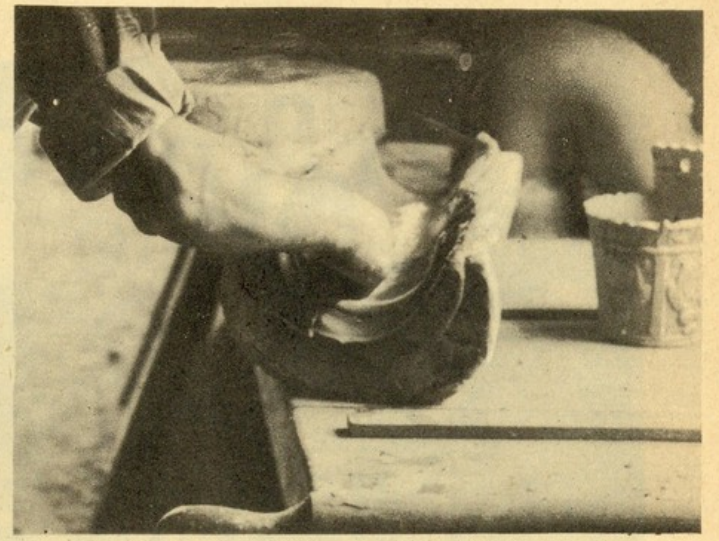
Este montão barrento é a matéria-prima de toda a louça. É preciso revolvê-lo com a enxada.



— Um púcaro. O povo quer-lhe tanto por se lembrar da água fresca, nas noites de verão...



Esta bilha, tão larga, lembra a pança ajantarada, de certos burgueses...



Os oleiros também fazem telhas. O molde está aqui — e o barro vai cobri-lo.

actualidades

GRAFICAS



Com a presença de um representante do Chefe do Estado, inaugurou-se a Livraria Técnica e Consultório Técnico, dirigidos pelo sr. eng.º Henrique Lherfeld. Nas mesmas instalações, funciona um estands permanente de pintura que foi inaugurado com obras de Botelho.



A Bélgica esqueceu, por um momento, o presente e o futuro: Olhou para o passado e reconheceu uma data — a dt sua independência — para se recontrar na grandeza do seu destino. Uma nação assim forte tem o seu lugar ao sol. As comemorações que se efectuaram em Lisboa assim o confirmaram. Na foto, o sr. ministro da Bélgica recebe cumprimento da colónia do seu país, à saída da Igreja dos Mártires onde se realizou uma cerimónia religiosa.



O professor de piano Campos Coelho apresentou os seus alunos no Sindicato Nacional dos Músicos. Foi uma noite de arte e triunfo para discípulos e professor que a assistência aplaudiu carinhosamente.



Em Sintra, realizou-se uma exposição de Dáltas. Encarregou-se da benfeziza tarefa a Comissão de Turismo local e bem pode dizer-se que os resultados ultrapassaram as melhores previsões. Damos um aspecto da inauguração, com a presença do sr. presidente da Câmara Municipal e elementos destacados sintrenses.



O Conservatório apresentou publicamente os excelentes resultados dos seus ensinamentos a mais meia dúzia de rapazes e raparigas, fascinados pela luz da ribalta. Encarregou-se da encenação do espectáculo o professor do Conservatório, actor Alves da Cunha. Na foto, vemos os professores daquela estabelecimento de ensino, com o seu director Dr. Ivo Cruz e os finalistas do curso de teatro.

HOLLYWOOD

JÁ NÃO É

HOLLYWOOD

Por AUGUSTO FRAGA

OLLYWOOD já não é Hollywood. Já não há grupos de homens que se divertem com o espectáculo trágico, diariamente oferecido aos seus olhos. Os seus habitantes, inteligentes e cultos, sofrem e sentem, seguindo as oscilações do próprio destino da humanidade. São agulhas magnéticas agitadas, segundo as oscilações do drama. Não conhecem a extensão da catástrofe apenas para dela tirarem o melhor partido como espectáculo que possa ser gravado no celuloide. Hollywood está na guerra — e sente a guerra! Os seus habitantes alistam-se voluntariamente entre as legiões de vítimas, ajudando a oferecer à plateia o quadro de dor e melancolia digno da meditação da humanidade. Até o «glamour», esse predicado tão indispensável para as mulheres triunfarem no cinema, já não é mais a sua única preocupação. As estrelas puseram o «glamour» de lado e começaram a mostrar as suas outras qualidades e dar provas dos seus sentimentos humanitários.

Tôda a população artística de Hollywood está nas fôrças armadas. Artistas, técnicos, escritores, directores, produtores, agentes de publicidade e outros empregados dos estúdios estão em guerra. Isto equivale a mais de cinco mil homens em uniforme, escolhidos dos dezoito mil entre os trinta e três mil que exerciam as suas actividades em Hollywood. Este número aumenta dia a dia, sem falar nas raparigas, que igualmente se alistaram nas fôrças armadas. Os dois últimos actores que deixaram Hollywood foram Alan Ladd e MacDonald Carey. O primeiro alistou-se no Exército dos Estados Unidos e o segundo no Corpo de Fuzileiros Navais e não voltarão aos estúdios senão depois de terem terminado o seu contrato com o Tio Sam. Em quasi todos os filmes actuais, os artistas aparecem como soldados, fuzileiros navais ou marinheiros. Mesmo quando a película não trata de guerra, eles vestem os seus uniformes para dar a atmosfera do momento que passa. A farda está em evidência por tôda a parte.

Há que trazer para a vida simultânea da tela e da acção real os próprios protagonistas do drama dos nossos dias. Têm desta página documentos evidentes do facto. Claudette Colbert, num uniforme de enfermeira, colhe informações sobre a sua nova carreira. Atende-a Eunice Hatchitt, uma das enfermeiras que conseguiram escapar de Bataan, pouco tempo antes da queda de Corregedor. Igualmente, Betty Rhodes pertence à mesma legião branca. Veronica Lake, apesar do deselegante traje e com aquêles sapatões enormes, serve na Cruz Vermelha. Reparem como desapareceu o toque pessoalíssimo do seu cabelo sobre um dos olhos. Agora o seu maravilhoso cabelo está repartido ao meio e penteado com duas tranças...

Mary Martin também abandonou o seu «glamour» para fazer parte de uma pitoresca cantina militar, onde serve como criada. Mas convenhamos que uma empregadinha assim ainda tem muito «glamour»! Mary, segundo parece, tem a mania de guardar na meia as gorgetas que ganha...

Dorothy Lamour surge num impulsivo abraço que não deve ter sido muito agradável à vista do marido. A legenda da gravura sossega-nos quanto a isso. O encarregado da caracterização de Dorothy Lamour é um rapaz de nome Mickey Cohen. Foi assim que a escultural Dotty o recebeu quando ele apareceu no estúdio com a farda do Exército. Ela precipitou-se ao seu encontro, tratando-o por «Mickey querido» e deu-lhe o melhor beijo da sua carreira. Não nos surpreende que o jovem Mickey passe a fazer o possível por conseguir mais licenças...



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XX - o trabalho da diplomacia

4 A INTERVENÇÃO DO BRASIL



DEPOIS da conferência do Rio de Janeiro, em cujos trabalhos desempenhara um papel importante, o Brasil evoluiu rapidamente no sentido da intervenção. A existência em território brasileiro de súditos dos países do Eixo, estabelecidos principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e S. Paulo constituía um problema delicado, dada a influência dessas colónias na vida económica do país e a importância das suas organizações locais. Uma notícia de carácter oficial, publicada em fins de 1941, punha em relevo esse facto e acentuava a necessidade de serem adoptadas, pelo governo do Brasil, providências no sentido de controlar as actividades de algumas dessas organizações.

Um outro aspecto da existência em território brasileiro de importantes colónias de povos estrangeiros era o que resultava da entrada recente no país de numerosos japoneses cujo número, ainda segundo os dados oficiais das estatísticas brasileiras, ascendia a mais de 200 mil. A maior parte destes estabeleceu-se no Estado de S. Paulo, especialmente ao longo das linhas férreas e das estradas locais. Possuindo uma extensa costa e dispondo de escassos recursos militares para a sua defesa, o Brasil encontrava-se à mercê de ataques de submarinos e de navios de superfície que, porventura, pudessem aparecer nas águas do Atlântico Sul. Finalmente a proximidade do porto de Dakar, um dos mais importantes portos militares do hemisfério sul, excelentemente apetrechado, não deixava de ser invocada pela imprensa das principais cidades brasileiras como um outro motivo de preocupação que devia ser atentamente considerado.

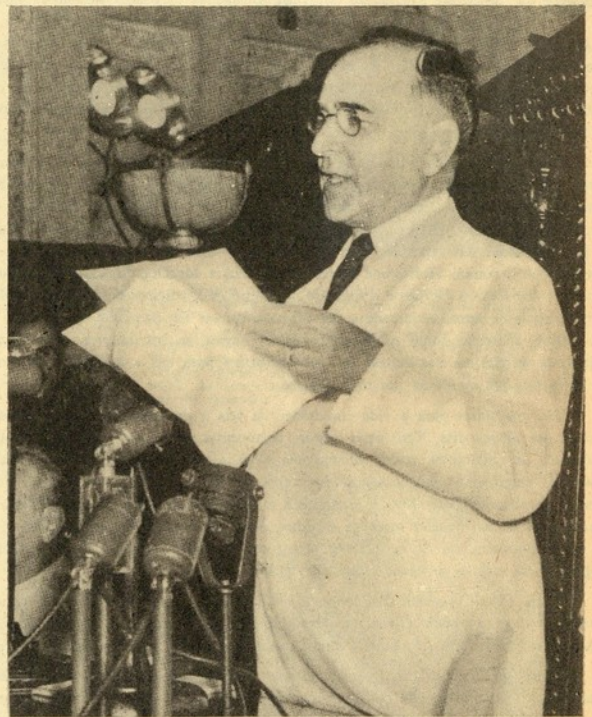
A imprensa do Brasil, no período que se seguiu à conferência do Rio de

Janeiro, desenvolveu grande actividade no sentido de pôr em relevo o significado militar e político desses factores e de orientar a opinião pública no sentido da intervenção armada, que viria efectivamente a produzir-se alguns meses depois.

O CORTE DE RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

No dia 27 de Janeiro de 1942 o Presidente da República brasileira, Dr. Getúlio Vargas, assinou um decreto cortando as relações diplomáticas entre o seu país, por um lado, e o Reich a Itália e o Japão, por outro. A publicação deste decreto foi seguida dum corte de medidas preventivas e repressivas tomadas em relação às organizações alemãs, italianas e japonesas existentes em território brasileiro. No dia 4 de Fevereiro foram encerradas algumas agências de informação e jornais redigidos nas línguas alemã e italiana. Ao mesmo tempo os súditos alemães e italianos foram proibidos de viajar no Brasil, desde que não estivessem, para isso, munidos de licenças especiais. Um outro decreto, publicado em Março, determinava que os súditos alemães e italianos residentes nas regiões costeiras fossem transferidos para o interior do país.

Os três primeiros meses de 1942 coincidiram com o recrudescimento da actividade da arma submarina alemã ao longo de todo o litoral oriental do continente americano. A intervenção activa dos Estados Unidos na guerra bastava para explicar esse recrudescimento. Os Estados Unidos não haviam preparado nem a defesa das suas costas e das costas canadianas, nem a defesa do litoral das repúblicas sul-americanas banhadas pelo Atlântico. A navegação entre os portos dos vários países do continente americano aumentara muito, em consequência da intervenção dos Estados Unidos e das necessidades deste país. O exercício dessa navegação não fora devidamente acutelado, não estando organizado, regularmente, o sistema de comboios nem havendo disponíveis navios de protecção em número suficiente. Daí resultava que a navegação ao longo das costas do continente americano se encontrava particularmente exposta a quaisquer ataques e que essas mesmas costas eram



Dr. Getúlio Vargas, Presidente dos Estados Unidos do Brasil

vulneráveis a qualquer ataque conduzido pelo mar do Atlântico.

O AFUNDAMENTO DE NAVIOS

Este aspecto da batalha do Atlântico, que será tratado noutro capítulo desta obra, foi predominante no comércio de 1942 e o número de navios mercantes dos Estados Unidos e das várias repúblicas sul-americanas que com eles, directa ou indirectamente, tinham feito causa comum, afundados, aumentou à medida que aumentava também o volume do comércio inter-continental. O Brasil pertencia ao número dos países americanos que mais tinham intensificado as suas relações comerciais com os Estados Unidos e esse facto tinha como consequência um aumento de navegação entre os dois países, feito em grande parte por unidades da marinha mercante brasileira.

Entre 15 de Fevereiro e 8 de Março foram torpedeados e afundados pela arma submarina alemã quatro navios brasileiros. A impossibilidade de organizar rapidamente um sistema eficaz de comboios ao longo da costa levou o governo brasileiro a suspender, temporariamente, a saída de navios dos seus portos.

No dia 11 de Março foi publicado um decreto que dava ao Presidente Getúlio Vargas poderes especiais para colocar todo o território nacional em

estado de emergência e, no caso de se verificarem quaisquer ataques a súditos brasileiros ou à sua propriedade, de transformar o estado de emergência em estado de guerra. O mesmo decreto conferia ao Presidente da República brasileira poderes para suspender as garantias constitucionais regulares em relação aos súditos de quaisquer país que praticasse actos de hostilidade contra o Brasil. Esta autorização era extensiva aos casos de ameaça de ataque por parte dum potência estrangeira, da descoberta de organizações subversivas e da iminência de perturbações da ordem pública no interior do país. Tais decretos começaram a ter aplicação imediata em seguida à sua publicação.

A CAMINHO DA INTERVENÇÃO

No dia 12 de Março, o governo brasileiro publicou um decreto ordenando a confiscação dum parte importante dos depósitos existentes a ordem de súditos dos países do Eixo em bancos brasileiros e de parte dos valores que os mesmos possuíam em sociedades existentes no Brasil e mesmo em firmas individuais. Os valores e as quantias referidas que foram objecto deste novo método de congelamento eram transferidos em proporção variável (entre 10 e 30 por cento) para o governo brasileiro. No preambulo deste decreto afirmava-se

PASTA MEDICINAL
Couto
CURA estomatites
TRATA as doenças da boca

que ele devia ser considerado como uma medida de represália destinada a compensar os prejuízos sofridos pelas pessoas e pelas propriedades brasileiras em consequência dos ataques de que estas tinham sido objecto. O mesmo preambulo referia-se aos ataques como sendo actos de guerra praticados, não apenas contra o Brasil, mas contra o continente americano o que evidentemente queria entender-se com o incremento da campanha submarina.

Em meados de Março o governo brasileiro publicou uma nota officiosa annunciando que o seu Embaixador em Lóquio, bem como o pessoal da Embaixada, se encontravam detidos nos respectivos edificios sem poderem comunicar com o exterior estando a ser tratados como prisioneiros de guerra. A mesma nota acrescentava que, em consequência desse procedimento, o governo brasileiro decidira adoptar, em relação ao embaixador

ENTRE MARÇO E JULHO

O segundo trimestre de 1942, longe de diminuir o estado de tensão existente entre o Brasil e as potências do Eixo, o qual já se traduzira pelo corte de relações diplomáticas, agravou-se incessantemente. A principal razão desse agravamento consistia, por um lado, na successão de afundamentos de navios brasileiros ou sul-americanos e das medidas de represália decretadas no Rio de Janeiro, por outro na aproximação crescente entre o Brasil e os Estados Unidos, a qual evoluçionava rapidamente do plano diplomatico economico para o plano politico e militar.

No dia 30 de Julho foi publicado no Rio um comunicado annunciando que, até aquella data, haviam sido afundados por submarinos do Eixo dez navios mercantes de nacionalidade brasileira. Dois meses antes, em fins de Maio, o Brasil iniciara praticamente a sua cooperação militar com os Estados Unidos começando a aviação brasileira a operar ao longo da costa e o mesmo fazendo as unidades da marinha de guerra daquele país, contra a arma submarina.

Entretanto os súbditos alemães, italianos e japoneses residentes no Brasil tinham sido todos concentrados no interior. Em 11 de Agosto foi oficialmente annunciado no Rio de Janeiro e em Washington que os dois governos tinham assinado um accordo militar para a defesa de seita e que seria criado um organo no para dar execução a esse acord. A direcção do organismo assim criado foi confiada ao general do exercito americano J. R. Ord.

A 17 de Agosto o governo brasileiro annunciou que haviam sido afundados mais três navios mercantes com uma deslocação total de 11.500 toneladas. A bordo dum desses barcos, o «Dalpendy», seguiam tropas o que contribuiu para tornar este incidente mais delicado e de consequências mais graves do que os outros que anteriormente se haviam registado em circunstâncias sensivelmente idénticas.

A DECLARAÇÃO DE GUERRA

Entre 18 e 22 de Agosto foram oficialmente annunciados novos afundamentos de navios brasileiros com perdas de vidas em número de relativa importância. Uma declaração do governo do Rio, publicada nessa altura, affirmava que tinham perdido a vida, até aquella data, em consequência de

para evitar a repetição dos ataques que ultimamente se têm registado.

Esta linguagem, e sobretudo a declaração do chefe do Estado brasileiro annunciando oficialmente a cooperação militar entre o Brasil e os Estados Unidos, davam a entender que ele estava em vésperas de entrar na guerra. Este facto produziu-se, efectivamente, vinte e quatro horas depois do discurso do Presidente, tendo a declaração de guerra do governo brasileiro à Alemanha e à Italia, a data de 22 de Agosto de 1942.

A ATITUDE DE PORTUGAL

A declaração de guerra a que nos referimos era redigida nos seguintes termos: «Em face dos actos de guerra praticados contra a nossa soberania, declaramos que, a partir deste momento, existe o estado de guerra entre o Brasil, dum lado, e a Alemanha e a Italia, do outro. Foi enviado, a este respeito, uma comunicação official a estes dois países através das vias apropriadas». O Presidente Getúlio Vargas dirigiu uma mensagem ao povo brasileiro na qual apontava as razões que haviam terminado o seu acto e affirmava a confiança na vitória. O Embaixador da Gran-Bretanha no Rio, Sr. Noel Charles, entregou no Ministério das Relações Exteriores, ao Dr. Oswaldo Aranha, uma nota diplomatica em que se exprimia a satisfação do governo de Londres pelo

nistros de cujas resoluções foi fornecida à imprensa a seguinte nota: «O Conselho de ministros, reunido expressamente para tomar conhecimento da declaração official do Go-



vêro dos Estados Unidos do Brasil de se considerar este país em estado de beligerância com a Alemanha e a Italia, em consequência de actos praticados contra a navegação mercante brasileira, resolveu encarregar o embaixador de Portugal no Rio de Janeiro de fazer aquêlê Governo a seguinte comunicação:

«O Governo português, para quem a posição jurídica assumida por Portugal no presente conflito nunca significou, como já mais de uma vez foi dito, quebra dos vinculos históricos que o prendem a outros países, mais obrigado se sente para com o Brasil, com o qual os estreitos laços de sangue tornam as relações inalteráveis. No momento em que o Brasil se encontra envolvido na guerra, o Governo toma a peito exprimir-lhe, em nome do povo português, os seus sentimentos de fraterna estima, de solidariedade moral e de emoção sincera com que acompanha o povo irmão na attitude de sacrificios que assumiu na defesa do que considera sua honra e seu direitos.

Na mesma altura o sr. Presidente da República enviou ao dr. Getúlio Vargas o seguinte telegrama:

«No momento em que recebo comunicação official de se encontrar o Brasil em estado de beligerância, quero ser intérprete junto de Vossa Excellência e do povo brasileiro dos meus sentimentos fraternos e dos do povo português, que acompanha a nobre Nação Brasileira com a maior emoção neste momento historico da sua vida. a) GENERAL CARMONA, Presidente da República Portuguesa».



japones no Rio e ao pessoal da Embaixada, um tratamento idéntico. Estes sintomas revelavam um estado de tensão crescente que se agravou ainda quando, em fins de Março, a policia brasileira prendeu cerca de trezentos súbditos alemães, italianos e japoneses sob a accusação de actividades ilegais e atentatórias dos interesses do Brasil. O país evoluçionava claramente no sentido do estado de guerra com os países do Eixo e com o Japão.

A COLABORAÇÃO ECONÓMICA

O Brasil foi um dos países que se decidiu imediatamente a praticar os principios de colaboração económica inter-continental, preconizados na conferencia do Rio de Janeiro. Praticamente os Estados Unidos tinham de substituir os países europeus perdidos para os produtos de origem sul-americana. Sabendo-se que as trocas entre a Europa e o continente sul-americano andavam, na altura da entrada dos Estados Unidos na guerra, à volta de cem milhões de libras, é fácil calcular a perturbação trazida por aquêlê facto a economia de todo o continente americano. Esta teve de ser encarada em bases novas, e organizado um novo sistema de trocas inter-continentais sobre a base das necessidades da máquina de guerra dos Estados Unidos e das exigências da produção de material e de equipamentos criadas a este país.

A perda das Indias Holandesas e da Malásia, durante a offensiva conduzida pelos japoneses no continente asiático e para os seus aliados do primeiro trimestre de 1942, tinha lido como uma das suas consequências mais importantes a perda para os Estados Unidos e para os seus aliados dos principais centros produtores de borracha. A produção de borracha sintética, encarada pelo governo de Washington, não era bastante para remediar este inconveniente. Os dirigentes da economia de guerra norte-americana encararam a necessidade de se criarem, o mais rapidamente possível, novas plantações de borracha nos vários pontos do globo onde esta cultura era possível, especialmente em algumas zonas da Africa Occidental e na bacia do Amazonas. Entre os governos americano e brasileiro realizaram-se, para esse effeito, negociações especiais as quais concluíram pela concessão de fundos destinados a valorizar a economia do Amazonas e a intensificar, nesta região, a cultura da borracha para fins de guerra.



ataques à navegação mercante brasileira, 339 súbditos deste país. A Verdade é que o Brasil já se encontrava em estado de guerra não declarada com as potencia do Eixo pois a sua marinha e a sua aviação, em cooperação com as forças armadas norte-americanas, atacavam os submarinos alemães utilizando, para isso, especialmente aviões de grande raio de acção e navios ligeiros.

No dia 21 o presidente Getúlio Vargas dirigiu-se, de uma das janelas do Palácio presidencial, a um grupo de marinheiros que ali foram realizar uma manifestação, produzindo declarações que não deixavam dúvidas sobre as verdadeiras intenções do seu governo. «O mar, disse nessa altura o Presidente Vargas, é um simbolo de liberdade e os povos que não defendem o seu mar não são dignos de viver. Por esta razão o Brasil defenderá as suas águas territoriais e saberá guardar as suas costas. A esquadra e a aviação brasileira, em cooperação estreita com a esquadra e a aviação dos Estados Unidos, darão a maior protecção à navegação que sulcar os nossos mares. Essa protecção bastará

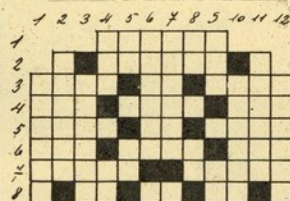


acto que o governo brasileiro acabava de praticar.

No dia 23 de Agosto o embaixador do Brasil em Lisboa, dr. Araújo Jorge comunicou officialmente ao governo português a noticia da declaração de guerra do seu país ao Reich e à Italia. Depois de feita essa comunicação realizou-se um Conselho de Mi-

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 74



HORIZONTAIS: 1—Dobrada. 2—Dinheiro em ouro. 3—Levantam; Nota mus.; Tornam oco. 4—Oceano; Cura; Actuel. 5—Jarro (planta). Em a; Põe-se anuado. 6—Gratejar; Vestuário de mulher; Prefixo designa.

tivo de cars. 7—Surgir; Pantomina. 8—Art. f. pl.; Pena; Caminhava. VERTICAIS: 1—Acortana. 2—Industria de oleiro. 3—Lavarria. 4—Moda; Carla de jogar. 5—Escarnee; Abreu. 6—Azenhar. 7—Iguaçu. 8—Bordejal. 9—Abrar (antes do meio dia); Nota mus. (inv.). 9—Curado; Nesse lugar. 10—Quarto de dormir. 11—Recompensas. 12—Deram mios.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 73

HORIZONTAIS: 1—Trilhem. 2—Iriam. 3—Aso. 4—Am; Pá. 5—Bis; Mar. 6—Olor; Pará. 7—Ras; Sic. 8—Dó; Sá. 9—Rua. 10—Morto. 11—Cartoca.

VERTICAIS: 1—Taborda. 2—Mílão. 3—Sós. 4—Ri; Má. 5—Ira; Rór. 6—Liso; Hari. 7—Hão; Ato. 8—Em; Oc. 9—Mas. 10—Paris. 11—Caracas.

Vida MUNDIAL

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJ. CENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 ")..... 26\$00	12 " (52 ")..... 80\$00
12 " (52 ")..... 52\$00	
AFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
12 meses (52 números)..... 68\$00	6 meses (26 números)..... 47\$00
	12 " (52 ")..... 94\$00

AQUI, SICILIA!

FOI ASSIM, O DESEMBARQUE

EIS o material de invasão e a maneira como decorreram as primeiras operações de desembarque na Sicília. Estas fotografias foram transmitidas, pelo sistema rádio-foto, da costa de Algéria e constituem o primeiro depoimento gráfico feito com desenvolvimento, dos acontecimentos ocorridos a 11 do corrente. Vemos, assim, na primeira fotografia, em baixo, o aprestamento das tropas que conduzem armas e munições para bordo. Os combóios desfilam, depois, a caminho de terra italiana, e a âncora baixa fronteira à costa da Sicília. As pontes são lançadas ao mar — ali mesmo, na grande baía, talvez entre o Cabo Morro di Porco e Cabo Passero. As tropas avançam, com a água até ao joelho — às vezes até à cinta e mais — com a carga das munições e das armas sobre os ombros, até atingirem a costa.

O relato dos acontecimentos foi já feito. Sabe-se, pois, como as operações estão a decorrer. Quisemos apenas documentá-las com fotografias inéditas, desde o embarque das tropas, à chegada a Licate, onde, como se vê ao fundo, à direita, os italianos aprisionados seguem entre as tropas de ocupação anglo-americana.



NUNCA FALHA!



É película

"ferrania"

J.C. ALVAREZ, L. DA
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

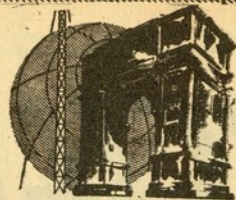
205-RUA AUGUSTA-207-LISBOA



PARGANA
643

ESCUTAI

ROMA



**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

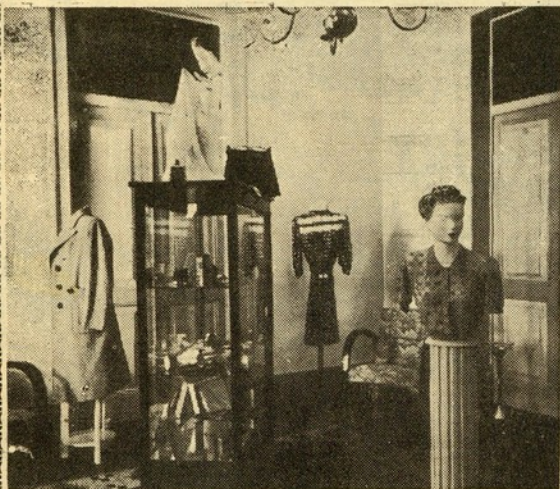
Horas de Portugal	Programa	Posos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
		2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
21.40	Noticiário	2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas
			263.20	ondas
		2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330

CONVERSACÕES EM LINGUA PORTUGUESA

21.10	As domingos	39.80
21.20	As quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

Lucinda & Inês, L. da
ALTA COSTURA



Apresentam no seu atelier, Rua de D. Estefânia, 117, 1.º, uma magnífica colecção dos mais recentes modelos de vestidos, chapéus e alingerie, verdadeiras criações que encantam e seduzem a Lisboa elegante.



Faleceu há dias no Rio de Janeiro o antigo ministro de Portugal no Brasil, conselheiro Camêlo Lamproia. Vemos na foto o ilustre diplomata e figura destacada da colónia portuguesa, falando com o presidente Vargas, num dos últimos actos oficiais em que tomara parte.



Alice Ogando e Igrejas Caieiro começaram a ler ao microfone do Rádio Clube Português, o romance de Mary Love «Rapsódia». As emissões fazem-se todas as sextas-feiras e estão a obter excelente êxito.



Dobar lã, fazer «tricot», são trabalhos calmos e de paciência...



Dôcilmente, entregam-se a trabalhos de costura...



Enquanto êles, os homens, trabalham também no campo...



Quem dirá que são doentes, vendo-as assim a tratar de flores?

O aproveitamento do trabalho e das aptidões dos enfermos são dois dos processos terapêuticos empregados, para o caminho da cura. Estas fotos ao alto documentam o regime de trabalho aplicado.



TEMOS UM MANICOMIO NO HOSPITAL JULIO DE MATOS!

O internamento de doentes psicopatas — já está dito e redito quanto há a dizer da agudeza do problema — tem merecido da assistência pública, nos últimos anos, a melhor atenção e o carinho mais inteligente. Até que ponto resultaram tantos esforços, di-lo o salto que vai do que existia, para o que temos hoje. De facto, o salto de Miguel Bombarda a Júlio de Matos é considerável, não porque a dedicação, e o disvelo e o interesse do que sempre se fez no mais antigo manicómio de Lisboa, não constitua um serviço assinalável, prestado à sociedade portuguesa — mas porque no novo hospital se criaram motivos e circunstâncias especiais de técnica moderna que fazem de Júlio de Matos um estabelecimento modelar. É certo que não é absoluto o seu rendimento funcional. Mas, quando às excelentes instalações forem dadas possibilidades em harmonia com a largueza de vistas — largueza que desceu aos mínimos e mais inteligentes pormenores... — que orientou a criação deste hospital, decerto estará resolvido na nossa terra um dos mais sérios e dolorosos problemas de sempre. Sabe-se que ainda hoje é difícil — fiamos a dizer impossível — o internamento de quantos têm necessidade imediata dos cuidados especializados da ciência. Mas, sabe-se também que o principal está feito: concepção e realização de um projecto audacioso, em relação ao meio. O resto — o que falta e que em breve chegará, constituindo acessórios mobiliários e de aparelhagem técnica — é por assim dizer secundário no ponto de realizações atingidas.

Hoje, que o sr. dr. Barahona Fernandes está à frente do Hospital Júlio de Matos e se procura no estrangeiro e no país, a aquisição de pessoal técnico especializado para uma obtenção de resultado eficientes, é de esperar que a finalidade atingida seja, de facto, a que inicialmente se previra.

As fotos que ilustram esta página testemunham de algum modo as nossas afirmações e marcam, como pontos de partida, a orientação estabelecida para uma melhor aplicação de

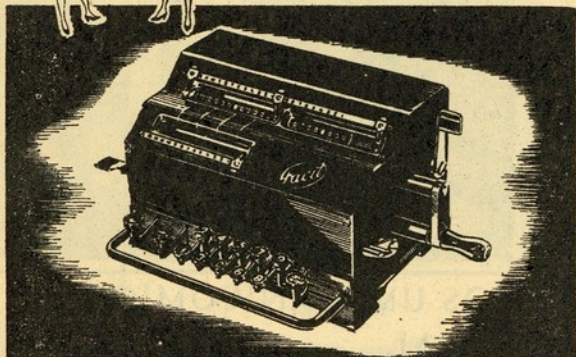
O que se vê, o que se nota define, de facto, intenções e pensamentos que nos podem fazer afirmar: Temos um grande manicómio no Hospital Júlio de Matos!

Depois dos tratamentos, das horas de repouso, das refeições e do trabalho, há também as horas das visitas, à sombra de árvores e alpendres e sob a vigilância de enfermeiros.





Discussão por causa da «FACIT»



É tempo de comprar mais outra !!

Esta situação é sua conhecida? Todos querem fazer as contas com a nova máquina «Facit», moderna, pois é muito mais fácil e mais segura, com as dez teclas manobráveis. Os modelos eléctricos são tão rápidos! A «Facit» EA é uma máquina para trabalhar sobretudo com a mão esquerda, deixando a mão direita livre para as conferências, etc. Esta máquina é igualmente conveniente para todas as operações: soma, subtração, multiplicação e divisão. Para os que trabalham com grandes números e muitos decimais, há o modelo especial «Facit» LX com 19 algarismos no registor dos produtos.

E de toda a conveniência ter o número suficiente de máquinas, no escritório — e a máquina própria no devido lugar Peça demonstração.

A máquina de cálculo rápido

Facit

para as 4 operações aritméticas manual ou eléctrica

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.^{da}

RUA DA PRATA, 145

LISBOA

Telef. 25281

Telef. 22102

RUA DA BANDEIRA, 339

PÓRTO

Telef. 1248



Horas	Estações	Comprimento das ondas	Horas	Estações	Comprimento das ondas
7,45	WCRC	31.1 m. 9650 kcs/s	18,45	WDO	20.7 m. 14470 kcs/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kcs/s	19,45	WDO	20.7 m. 14470 kcs/s
	WRUW	49.6 m. 6040 kcs/s		WGEO	19.6 m. 15330 kcs/s
9,45	WDJ	39.7 m. 7565 kcs/s	20,30	WDO	20.7 m. 14470 kcs/s
12,45	WKRX	30.3 m. 9897 kcs/s	22,00	WGEO	19.6 m. 15330 kcs/s
	WDL	30.8 m. 9750 kcs/s		WGEA	25.3 m. 11847 kcs/s
13,45	WGEO	19.6 m. 15330 kcs/s	23,00	WGEO	19.6 m. 15330 kcs/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kcs/s		WDL	30.8 m. 9750 kcs/s
14,45	WKRX	30.3 m. 9897 kcs/s	01,45	WDJ	39.7 m. 7565 kcs/s
17,45	WGEA	25.3 m. 11847 kcs/s			
	WDO	20.7 m. 14470 kcs/s			

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



DISCOS

ACABA DE CHEGAR NOVA REMESSA

Todos os grandes sucessos em música de dança pelas melhores orquestras inglesas e americanas que gravam exclusivamente para a famosa marca

“His Master's Voice”



Procure nos nossos discos os grandes êxitos que se ouvem actualmente nas emissões americanas e inglesas

Est. Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Companhia Nacional de Navegação

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete «QUANZA»

Sairá no dia

3 de Agosto

com escala por LEIXÕES, recebendo carga e passageiros para: Funchal, S. Tomé, Sazaire, Loanda, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira Moçambique e portos de baldeação na Costa Oriental

A carga será recebida até ao dia 30 inclusivé

Os srs. passageiros devem apresentar as suas bagagens na Delegação Aduaneira de Santa Apolónia até antevéspera da saída do navio

TRATA-SE: **Em Lisboa:** Rua do Comércio, 79 e 85 — Telef. 23021-23026

No Pôrto: Rua Infante D. Henrique, 73—Telef. 1434

Manuel Lereño,

“LEITOR OFICIAL” DA E. N. disse...

A notícia de que Manuel Lereño tinha sido nomeado leitor oficial da Emissora Nacional não surpreendeu. Era um simples acto de justiça. De resto, esse cargo já não era estranho ao artista. Ocupara-o, vão passados quatro anos.

Não há quem não conheça Manuel Lereño — a voz mais maleável e ductil de Portugal, segundo rézam os registos da E. N. O que nem todos sabem é a razão porque o artista, actor diplomado, não pisa os palcos, integrado em elencos teatrais. Preferiu abertamente a declamação pura, derivando ainda para outras manifestações de Arte, como o canto, o cinema e a pintura.

Em suma: a história de Manuel Lereño é desconhecida, exactamente porque elle se apaga em modéstia, como aconteceu agora quando o fomos procurar.

O MELHOR ALUNO

Manuel Lereño recebe-me no palácio da M. P., onde desempenha as funções de instrutor de locução — outro cargo onde o artista tem marcado notavelmente a sua presença.

— A minha história?... Mas, por Deus, não sou futebolista famoso, nem ciclista heróico...
— Está bem, mas...

Manuel Lereño esboça um gesto vago, cuja tradução talvez accerresse um mundo de filosofia, se me apressasse a saber... Apresento-lhe a primeira preunha:

— És artista desde sempre?...
— Parece que sim. Desde muito pequeno, ainda mal falava, representava tudo o que via no teatro. Aos 8 anos, fazia recitais com as poesias que encontrava nos livros de estudo...

— Tinhas facilidade em decorar?...
Vivamente:

— Não me recordo nunca de ter decorado qualquer trecho; ficava-me na memória, sem eu mesmo saber porquê.

E, após uma pausa:

— Aos 9 anos entrei para o Liceu, e o meu professor de português, o dr. Prado Coelho, «descobriu-me entre todos os alunos como recitador. Eu servia sempre de exemplo, recitando primeiro, para que os outros pudessem compreender melhor as suas explicações sobre a forma de dizer. Chegava a mandar-me buscar às outras aulas, para que eu fôsse servir de modelo aos cursos mais adiantados.

ONDE A CABEÇA SE PERDE... FELIZMENTE!

— Deves estar grato ao dr. Prado Coelho...

— Muito. Mas já não o conheço. Perdi-o de vista, mas lembro-me sempre de que elle considerava o meu timbre de voz especial, e salientava nas aulas o ritmo que eu dava a cada poesia.

Manuel Lereño calou-se. Aguarda que eu pergunte... Afinal, nada mais fácil do que encadear o raciocínio...

— Continuaste a recitar, claro, tomando parte em festas escolares...

— Por volta dos 16 anos, tomei parte numa festa escolar como primeira figura duma opereta do maestro Costa Ferreira. O êxito do espectáculo foi grande, sendo as críticas unânimes em aconselhar-me a que frequentasse o Conservatório de teatro, pois encontravam-me facilidades excepcionais de actor e cantor.

— Entusiasmaste-te...

— Perdi a cabeça e matriculei-me no Conservatório. Fui colega de João Villarete e Manuela Pôrto.

UM INFERNO, O THEATRO...

— Fizeste o curso facilmente...

— Julgo que sim. Terminei-o com uma distinção. Concorri aos prémios «Nacionais» e «Eduardo Brazão». Obtive-os. Entrei para o teatro e aí começou todo o inferno da minha curta carreira teatral...

— Mas... porquê?...

Uma expressão, amalgama de tédio e mágoa, desenhada no rosto, habitualmente sereno:
— Perguntas porquê? Não creio que se possa ter maior desilusão! Inimizades, invejas, intrigas, falsidades, tudo o que há de mesquinho e de mau...

— Não te reconciliarás com o teatro?...

— Cada vez o sinto mais afastado de mim, sinceramente.

UM OBRIGADO A MARIA MATOS

— Dedicaste-te, então, oficialmente à declamação...

— Sim. Devo-o, entretanto, a Maria Matos, numa viagem que fiz em sua companhia ao Brasil. Foi esta artista que me «lançou» como «diseur», genialidade que não poderei esquecer.

— A critica acolheu-te bem...

— Oh! Sim! Fui alvo das criticas mais elogiosas. O sucesso foi positivo e animador... Uma evocação:

— O Brasil!... Que de recordações não trouxe do grande país!... Um sentimento afim, bem latino, mas uma vida e uma alma, mais mexidas, mais dinâmicas, cheias de constantes iniciativas...

— Podias ter ficado por lá.

— Podia. Tive as melhores propostas para a Rádio e para trabalhar em casinos.

BÓLSAS DE ESTUDO E THEATRO RADIOFÓNICO

A conversa segue em ritmo veloz. Manuel Lereño, de quando em vez, ganha calor, que lhe altera levemente o timbre de voz, que um jornalista nortenho recentemente classificou «rica de coloridos».

— Nunca beneficiaste de qualquer bolsa de estudo?...

— Apesar dos prémios que me atribuíram, nunca consegui bolsas de estudo para o estrangeiro, e tão necessário era que alguém fôsse aprender um pouco do muito que nos falta! Definindo melhor o seu pensamento:

— É que o teatro está num lamentável estado de atraso, quasi posso dizê-lo afoitamente, uma vergonha!...

— E a Rádio?

— Um encanto. Gosto da Rádio e penso na Rádio... Possibilidades incomensuráveis. Um mundo por descobrir. Por intermédio do então capitão Botelho Moniz fiz a minha estreia ao microfone, no Rádio Clube Português. Apoiado depois por Álvaro Jorge, um grande amigo,



«CADA VEZ ME SINTO MAIS AFASTADO DO THEATRO...»

formei um grupo de teatro do qual fazia parte a saudosa Leonor de Eça e Maria Spranger, e de cujos sucessos ainda hoje se fala, passado tanto tempo. Estou mesmo convencido de que não se fez mais teatro na Rádio!...

ALEM DE «LEITOR OFICIAL»...

— Continuas emprestando a tua colaboração à E. N.?

— Claro. E com bastante frequência...

— Constou-me que terias recebido proposta para o lugar de locutor...

— Efectivamente tive. Por mais de uma vez. Mas não me interessa ser locutor de profissão em Portugal...

— Em Portugal?... Sé-lo-ias noutro país?...

Resposta «condulante»:

— Sim. Talvez. É possível...

Ante o meu silêncio, a pedir continuação, Manuel Lereño descobre uma novidade:

— Tenho uma proposta duma estação estrangeira, cifrada em vinte contos mensais...

— Parabens...

— Não os recebo... É que este «muito» comparado com o «pouco» que se vence por cá, esmaga!...

— E... só por isso, não aceitas?

— Por isso e por que o sossego também vale dinheiro!...

POETAS PREFERIDOS

A entrevista aproxima-se do fim. O declamador por excelência, que também — faltava dizer — já tem desempenhado o difícil lugar de assistente de filmes, e que cantou no quarteto vocal da Emissora Nacional como barítono, tem os seus poetas favoritos, naturalmente...

— Os poetas nacionais que mais gosto de interpretar são os modernos e, entre eles, Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, Fausto Guedes Teixeira, José Régio, António Boto, Alberto de Serpa e Sá Carneiro. Dos estrangeiros, Robert Graves, Rupert Brooke, Walt Whitman, Amado Nervo, Leonello Flume e Aldo Lapiano.

PASSAR O ATLÂNTICO

É o fim da entrevista. Inquiri de Manuel Lereño quais os seus projectos vindouros. Um homem chelo de dinamismo e de vontade, um inconformista, deve procurar «ver» muito além... Assim é, de facto. Oçam-no:

— Penso e desejo muita coisa. Sobretudo poder trabalhar à vontade. Sem peias. Conscientemente e remuneradamente — para viver sem temer e não temer viver... A guerra forçou-me a deixar o Brasil. Uma vez ela finda, voltarei de novo à grande nação. Sabes: eu anseio viver onde haja bom ar. E sem recelo de atropelamentos mútuos... De covereladas, que não fazem nódoas negras pelo corpo, mas ennegrecem o espirito que queira agir desempeoadamente. Por isso, por tudo, parece-me difícil conservar-me em Portugal logo que as circunstâncias me permitam abalar... Aqui tens a minha vida e o que eu penso de mim mesmo. Se não ficares satisfeito, tem paciência...

...Manuel Lereño suspendeu a frase. Talvez eu possa «divinhar» o seu pensamento e completá-lo: «...tem paciência e aguarda mais uns anos, até que eu volte ou te escreva do Brasil. Essa será então a verdadeira, a única história que eu quero que se conte»...

Mas pelo sim, pelo não, vou publicando esta entrevista, ao menos à maneira de introito!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

a3
29/7



STIMSON, ministro da guerra norte-americano, foi a Londres, de visita às tropas dos Estados Unidos. Por detrás desta razão apresentada, sabe-se que outras existiam: Stimson avistou-se com Churchill e outras individualidades britânicas, com quem tratou de problemas de estratégia de guerra imediatos. Na foto, vemos Stimson, ao lado de Ira Eaker, olhando através do estereoscópico, exercícios aéreos.